

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - COGEAE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA –
CLÍNICA DA CULTURA**

RENATA AZEVEDO FERREIRA DIAS

**O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA ILUSÃO DE COMPLETEDE**

**SÃO PAULO
2013**

RENATA AZEVEDO FERREIRA DIAS

**O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA ILUSÃO DE COMPLETEDE**

**Monografia apresentada para
conclusão do Curso de Especialização
em Semiótica Psicanalítica – Clínica da
Cultura da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo - COGEAE.**

Orientador: Claudio César Montoto

**SÃO PAULO
2013**

Com muito afeto, dedico esse trabalho a todos os seus colaboradores, à minha mãe Telma, e, aos meus irmãozinhos Lorival, Ralf, Tete e Jr.

DIAS, R. A. F. **O amor na contemporaneidade: uma ilusão de completude**. 2013. 52f. Monografia. Curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE, São Paulo, 2013.

RESUMO

O amor é um tema pouco discutido e ainda muito polêmico nos dias atuais. Desde a Grécia antiga, o amor é tido como um meio de humanizar o homem através da aquisição de virtudes, refletindo diretamente em suas relações sociais. Neste estudo, realizamos uma breve contextualização do amor, passando por Eros (amor-paixão/amor-desejo, na concepção de Platão), Philia (amor de amizade, na concepção de Aristóteles), Ágape (amor de caridade, na concepção de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino) até chegar ao amor contemporâneo (na concepção de Bauman, entre outros autores). A constante desumanização dos sujeitos modernos e sua coisificação na sociedade de consumo através do imediatismo, da fragilidade dos laços afetivos, do sexo como mercadoria de consumo, e, da expansão do imaginário, ocasionou a deturpação da essência do amor, transformando este sublime e universal sentimento humano em um sintoma contemporâneo. Desse modo, faz-se de suma importância os sujeitos modernos reconhecerem sua eterna incompletude, repensando seus caminhos para o amor, recriando novas maneiras de amar, mais humanizadas e, desmistificando suas ilusões de completude.

Palavras-chave: Amor, Humanização, Contemporaneidade.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	5
1 O AMOR DE EROS: O BANQUETE DE PLATÃO	7
1.1 O DISCURSO DE FEDRO	8
1.2 O DISCURSO DE PAUSÂNIAS	10
1.3 O DISCURSO DE ERIXÍMACO.....	12
1.4 O DISCURSO DE ARISTÓFANES	13
1.4 O DISCURSO DE AGATÃO.....	16
1.5 O DISCURSO DE SÓCRATES	17
1.6 O DISCURSO DE ALCIBÍADES.....	20
2 O AMOR DE PHILIA	22
3 O AMOR DE ÁGAPE	29
4 FEDRO.....	35
5 O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE	41
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

O que é o amor? Como devemos amar para sermos felizes? O amor é um tema ainda muito polêmico na contemporaneidade, onde surgem novas formas de amar.

O amor é o sentimento mais sublime que acompanha o homem em toda sua existência. Neste estudo, abordamos o tema “O amor contemporâneo: uma ilusão de completude”, realizando uma breve contextualização do amor desde o amor grego (Eros), passando pelo amor de amizade (Philia), pelo amor de caridade (Ágape), e, encerrando com o amor contemporâneo.

No denominado amor de Eros, iremos utilizar como corpus fundamental, a obra “O Banquete” de Platão, escrita em 380 a.C., a qual apresenta sete discursos sobre o amor e sua origem. Nesta obra, o Eros-paixão torna-se Eros-desejo. Mas que desejo? O desejo despertado, segundo Lacan, pelo *algama* (objeto imaginário), aquilo que não se é (completude). Isto é, o amor vinculado à essência humana mediante o conhecimento do que lhe falta e a busca de sua plenitude.

Os discursos proferidos no Banquete foram relacionados com os comentários de Lacan em seu Seminário VIII (1960-1961), com o autor contemporâneo Montoto (2005 e 2012) e, com alguns filósofos contemporâneos (Santo Agostinho, Sartre, Plotino, Emmanuel Lévinas, Rosseau, e Spinoza).

O amor de amizade (Philia) foi abordado segundo a concepção teleológica de Aristóteles (384-322 a.C.), a qual evidencia que os seres humanos aproximam-se uns dos outros por dois motivos: pelo o que o outro é (amizade virtuosa), ou, pelo o que o outro lhe oferece (amizade acidental – útil ou prazerosa).

No conceito de amor de caridade (Ágape) utilizamos como referência os autores Santo Agostinho (354-430 d. C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274), segundo os quais a busca do homem pela vida feliz (beatitude) só é possível com o amor a Deus e a prática de atos virtuosos. Desse modo, nos salvamos de nossos pecados e aproximamo-nos do Criador.

Após discorrermos sobre as três principais divisões do tema amor (Eros, Philia e Ágape), explanamos sobre os capítulos I, II, III e IV do diálogo Fedro de Platão (416 a. C.), no qual a exaltação do amor se alimenta através da contemplação da idéia de Beleza (belo, transcendência da alma).

Além destas, inúmeras são as concepções sobre o amor e as formas de amar. Desse modo, o amor, e, os modos de amar são determinados pela cultura.

Na contemporaneidade, o amor se tornou onipotente, onipresente e onisciente, deixando de ser um acesso para ser um atributo essencial para a felicidade do sujeito. Este assunto será abordado de acordo com as concepções dos autores Jurandir Freire Costa (1998) e Zygmunt Bauman (2004).

O modelo vigente de amor, no mundo contemporâneo, é o romantismo, aquele divulgado nas mídias sociais, televisivas, escritas, entre outros. O qual consiste na unificação de dois seres e sua completude, felicidade. Porém tal modelo foi aperfeiçoado pela sociedade de consumo com a expansão do imaginário do sujeito, não comportando adiamentos, apegos, estabilizações, recusas, renúncias, parcimônia, paciência e tolerância. Ou seja, as experiências amorosas foram substituídas por vivências amorosas através da brevidade, da busca constante pelo prazer imediato sem sofrimentos ou esforço.

O exercício de amar na contemporaneidade é algo instantâneo e facilmente descartado quando não corresponder às nossas expectativas (isto é, um objeto de consumo como outro qualquer!).

Como diria Bauman:

Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorrerá fazer juras de lealdade às ações que acabou de adquirir? Jurar ser fiel para sempre, nos bons e nos maus momentos, na riqueza e na pobreza, “até que a morte nos separe?” Nunca olhar para os lados, onde (quem sabe?) prêmios maiores podem estar acenando? (BAUMAN, 2004, p. 29)

A escassez das experiências humanas nos relacionamentos amorosos contemporâneos ocasionou a defasagem do crescimento humanístico nos sujeitos modernos. Desse modo, é de suma importância a reflexão sobre o tema do amor na contemporaneidade com o intuito de adquirirmos novas maneiras de amar mais humanizadas, reconhecendo nossa falta, e, aceitando nossa incompletude.

1 O AMOR DE EROS: O BANQUETE DE PLATÃO

O Banquete, em grego *Symposium*, é uma obra de Platão escrita por volta de 380 a.C., constituída por uma série de discursos sobre a natureza e a qualidade do Amor (Eros). A obra é dividida em cinco partes: introdução, torneio de discursos sobre o amor entre os filósofos: Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates (através das palavras de Diotima), Alcebíades (réplica de Sócrates) e, uma breve conclusão. Inicia-se com um discípulo de Sócrates, Apolodoro, sendo questionado por um companheiro, Glauco, sobre um famoso Simpósio que havia ocorrido quando ainda eram crianças. Apolodoro alega que obteve conhecimento do ocorrido por meio de um dos presentes, chamado Aristodemo, e, narra o que pôde se recordar do acontecido ao companheiro Glauco.

Sócrates, a caminho da casa de Agatão para jantar, no segundo dia de comemoração da vitória de Agatão numa competição teatral das Lênaias em 416 a.C., encontra Aristodemo, convidando-o para lhe acompanhar. Ao chegarem próximo de seu destino, Sócrates pára no meio da rua para pensar. Então, Aristodemo comparece ao jantar, enquanto Sócrates atrasa-se um pouco, chegando durante a realização do jantar. Após o jantar, os comensais, com ressaca do dia anterior, decidem beber moderadamente, despedem a flautista ali presente e, aceitam a sugestão de Fedro de realizar um torneio de discursos sobre o tema Eros (Amor, tão esquecido pelos poetas segundo Fedro). Os discursos deveriam ser proferidos conforme a ordem dos filósofos ao redor da mesa¹, a partir da esquerda para a direita do primeiro lugar da mesa e do “pai da ideia” que ali se encontra. Então, Apolodoro começa a relatar os discursos, iniciando com o de Fedro.

Neste capítulo, serão abordados os diálogos sobre o Amor da obra Banquete de Platão, relacionando-os com os comentários de Lacan no Seminário VIII e, com alguns filósofos contemporâneos.

Contudo, faz-se necessário mencionar algumas ideias de Lacan sobre o Amor.

¹ Nesta época, este tipo de móvel, que da antiguidade greco-romana herdaram o uso os antigos persas e outros povos orientais, retornou para a civilização europeia, sob uma forma um pouco menor, com o nome de cama turca, do qual um exemplar, no final do século XIX, foi utilizado por certo médico vienense em seu vitoriano consultório. Nesta ocasião, recostavam três comensais reclinados sobre uma espécie de leito.

Primeiramente Lacan define o banquete:

O que é, então, o banquete?

É uma cerimônia com regras, uma espécie de rito, de concurso íntimo entre pessoas da elite, de jogo de sociedade. A realização de um tal simpósio não é, portanto, um simples pretexto para o diálogo de Platão, mas refere-se a hábitos, costumes reais diversamente praticados conforme as localidades da Grécia e, digamos, o nível cultural. O regulamento que ali se impõe nada tem de excepcional – que cada um dê sua quota, sob forma de uma pequena contribuição, que consiste num discurso pautado sobre um tema. (LACAN, 2010 [1960-1961], p.29).

Para Lacan (2010 [1960-1961], p. 38, 40, 41 e 43), o amor é um sentimento cômico, formado pelo par *érastês* (amante) e *érômenos* (amado), onde o amante não sabe o que lhe falta e o amado não sabe o que tem. Ele acredita que a obra O banquete nos possibilitará o entendimento de uma base da articulação essencial do problema amor. Ressaltando que o amor grego é o grande centro de elaboração das relações inter-humanas, ou seja, é um amor culto.

Agora, pode-se ir aos diálogos.

1.1 O DISCURSO DE FEDRO

Segundo Fedro, o Amor é um grande deus, o mais antigo, honroso, admirado por homens e outros deuses por ter muitos títulos e por sua origem. O Amor não possui genitores, ele nasceu antes de todos os deuses, após o nascimento do Caos e da Terra.

É reconhecido como um dos maiores bens, pois faz com que amante e amado se afastem e se envergonhem do que não for belo, apreciando o belo. De tudo o que o ser humano pode ter, como por exemplo: vínculos do sangue, dignidade e riquezas, entre outros, nada no mundo pode como Eros fazer nascer a beleza. “Eis o que o Amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo”. (PLATÃO, 2001, p. 5)

Refere, ainda, que quando um ser humano ama outro, chegam a conceder-lhes sua própria vida, morrendo pelo outro, colocando o amante numa posição privilegiada em relação ao amado (MONTOTO, 2012, p. 18). Fedro cita como exemplos três mitos: o de Alceste, o de Orfeu, e, o de Aquiles.

O primeiro mito de Alceste, filha de Pélias, que foi a única a consentir morrer pelo marido, Admeto, que estava condenado à morte exceto se alguém aceitasse morrer em seu lugar, apesar dele ter seus pais. Depois desse ato, o qual pareceu tão belo aos homens e aos deuses, os deuses permitiram que ela retornasse do Hades² e vivesse ao lado de seu marido.

O segundo mito é o de Orfeu, filho de Eagro, que perde sua esposa, Eurídice, e vai até outro mundo buscá-la. Orfeu comove os deuses com seu desprendimento e com a magia de sua lira e, então, os deuses autorizam que sua esposa Eurídice retorne da luz, desde que Orfeu leve-a pela mão sem olhar para trás até a saída do Hades. Porém, no último instante da saída do Hades, Orfeu duvida dos deuses e de sua esposa, com o receio de estar levando um monstro e olha para trás, perdendo para sempre sua esposa.

O terceiro mito é o de Pátroclo e Aquiles. Na guerra de Tróia, o mais velho e, amante de Aquiles, Pátroclo, é morto. Diante da situação, o mais jovem e amado, Aquiles, decide vingar a morte de seu amante mesmo sabendo que lhe custaria a vida e, que, se não o fizesse, teria vida longa e próspera. Após a morte de Aquiles, ele e seu amante são recompensados com uma vida eterna na Ilha dos Bem Aventurados.

Fedro ressalta que o mito de Aquiles foi o mais admirado, apreciado e recompensado pelos deuses porque nele o amado gostava de seu amante. E, termina seu discurso sobre o amor dizendo que Eros, além de ser o deus mais antigo e honroso, é o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, em sua vida e após sua morte.

Contudo, no que diz respeito à aquisição da virtude e da felicidade após a morte, nas obras de Santo Agostinho podemos encontrar o mesmo significado quando ele alega que o homem, após sua morte, tem a alma conduzida para locais do além pelo amor que ele tem. Ou seja, se for o amor do belo, do Bem Supremo (virtuoso), será conduzido a um lugar bom e conseqüentemente será feliz. Se for um amor errado e imundo (não virtuoso), será conduzido para um local imundo e conseqüentemente será infeliz. (SCHOEPFLIN, 2004, p. 67)

Sobre este diálogo, Lacan (2010 [1960-1961], p. 47 e 59) comenta que é na medida em que a função do amante (sujeito da falta) vem no lugar da função do

² Na Grécia Antiga, Hades era o mundo dos mortos.

amado (objeto amado) que se produz o amor. Desse modo, para Lacan, o amor é uma metáfora, pois articula-se com a substituição. Evidencia, ainda, que o amor como deus, é como uma realidade que só se manifesta e se revela no real através de mitos (simbólico).

De acordo com o conceito do amor como metáfora, de Lacan, podemos considerar que entre os mitos apresentados no discurso de Fedro, o de Aquiles é o que melhor ilustra a metáfora do amor com a substituição do desejado em desejante, amado em amante.

Contudo, o filósofo contemporâneo Sartre (Schoepflin, 2004, p.175) alega que o amor do amado só se transforma em amante se planejar ser amado, isto é, se o que quiser conquistar não é o corpo do outro, mas o outro enquanto tal. Sendo o seu único recurso fazer-se amar.

Montoto (2012, p. 16 e 17), em releitura da obra de José Ingenieros, relaciona o discurso de Fedro com três características fundamentais do homem para viver no mundo da cultura: a simulação e a dissimulação. Entendendo por simulação a tentativa de mostrar algo que não se é; por dissimulação, a tentativa de ocultar o que se é; e, emulação como o desejo de atingir as qualidades ou algo que o outro possui, podemos considerar como o ideal do ego tornando Eros, como deus, o mais útil, tanto para o homem como para a pólis.

Podemos relacionar o recurso de fazer-se amar, de Sartre, com as três características fundamentais expostas por Montoto. De modo a considerar o amor no discurso de Fedro como algo importante para a realização de atitudes éticas e virtuosas, cujo único objetivo é o de contemplar o belo, o Bem Supremo na vida terrena e na vida após a morte (ressaltando que posteriormente este argumento se tornou a base de discursos religiosos).

1.2 O DISCURSO DE PAUSÂNIAS

Para Pausânias, amante de Agatão, que inicia seu discurso depois de Fedro, assim como existem dois tipos de Afrodites, também existem dois tipos de amor, um para cada Afrodite.

Um dos tipos de amor é o da Afrodite Urânia, a Celestial, a mais velha, filha de Urano (Céu) – isto é, na qual em sua geração, participa somente o macho. Segundo a mitologia grega, Urano foi castrado por seu filho Cronos (Tempo), tendo

seus testículos jogados ao mar. De seus testículos e do sêmen (simbolizados pela espuma do mar), nasceu a deusa da beleza Afrodite, dentro de uma concha. Esse amor, denominado Urânio ou Celestial, - dedicado mais à alma do que ao corpo -, dirige-se ao que é mais forte e inteligente, inclinado aos seres do sexo masculino, e é companheiro para toda a vida, com muito valor para a pólis e seus cidadãos, já que obriga atos virtuosos tanto do amante quanto do amado.

O segundo tipo de amor é o da Afrodite Pandêmia, a mais jovem, filha de Zeus e da mortal Dione – isto é, na qual, em sua geração, participam o macho e a fêmea. Esse amor, denominado Amor Pandêmio ou Popular, é dedicado mais ao corpo do que à alma, desejando apenas a realização do ato sexual, desprovido de inteligência, gosta tanto de seres do sexo feminino como do sexo masculino, apresenta atitudes descentes (boas) ou não (más) para com o amado e, falecem junto com a beleza do corpo.

Portanto, se há dois tipos de amor, há dois tipos de amante: um celestial que se aquiesça e outro carnal que se fuja.

Pausânias ainda afirma que:

Toda ação, com efeito é assim que se apresenta: em si mesma, enquanto simplesmente praticada, nem é bela nem feia [...] mas é na ação, na maneira como é feito que resulta tal, o que é belo e corretamente feito fica belo, o que não o é fica feio. Assim é que o amar e o Amor não é todo belo e digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente. (PLATÃO, 2001, p. 6)

Para Pausânias, o amante celeste relaciona-se com o amado com o intuito de tornar-se um ser humano melhor, adquirindo virtudes que ainda não possui (alma, mundo inteligível, o belo). Enquanto o amante pandêmio relaciona-se com qualquer um para adquirir vantagens materiais (mundo sensível, o feio).

Diante dos dois tipos de Eros apresentados por Pausânias, podemos constatar que ele, em seu discurso, expressa a superioridade dos relacionamentos homoafetivos e, do gênero masculino sobre o feminino, existente no período da Grécia Antiga.

O discurso de Pausânias relaciona-se com as ideias do filósofo Plotino (Schoepflin, 2004, p. 59 e 61), o qual nos diz que o amor é um desejo inesgotável que pode conduzir ou desviar o amante do Bem Supremo, contemplado no mundo inteligível (Eros Celeste), do qual o amante pode apresentar uma vaga memória.

Porém, as almas podem desejar unirem-se às coisas belas por familiaridade ou, por carência/insatisfação ao realizarem-se apenas gerando na beleza terrena (desejo sexual). Desse modo, o desejo do belo pode produzir uma queda no mal, que é o denominado, por Plotino, o amor-paixão da alma (na visão de Pausânias, o denominado Amor Pandêmio).

Para Plotino, o amor lindo, natural e inato às almas, é o desejo do Bem (verdade, conhecimento, justiça, entre outras virtudes que contemplam o mundo divino), o qual é a natureza das almas. Contudo, o amor contrário à natureza das almas não é Eros, mas uma paixão que se assemelha a ele e tem origem nos vícios da alma (IBID, p. 63). O que justifica a afirmação de Pausânias onde o Amor é neutro e torna-se belo ou feio conforme o resultado das ações dos amantes.

Lacan (2010 [1960-1961], p. 62, 64 e 69) comenta que todo o discurso de Pausânias é elaborado na função de uma cotação de valores, nos explicando até que ponto o amor é um valor que deseja aquilo que lhe falta, sendo idêntico por si mesmo à falta.

Portanto, o amor é falta, um inesgotável desejo de possuir aquilo que não temos. Um desejo parcialmente saciado e, imediatamente renovado no decorrer de nossas vidas.

1.3 O DISCURSO DE ERIXÍMACO

O médico Erixímaco, filho do famoso médico Acúmeno, explanou seu discurso na vez de Aristófanes, pois Aristófanes foi surpreendido com soluções.

Erixímaco completa o discurso de Pausânias, afirmando que o amor está além da alma e dos belos corpos. Através da arte da medicina ele constata que grande e admirável é o deus Eros, pois ele se estende na ordem das coisas humanas, divinas, e também em outras partes em muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais, nas plantas, em toda a natureza orgânica.

Ele concorda com Pausânias ao dizer que há dois tipos de amor. Porém, para ele esse duplo está na natureza dos corpos sob as formas de sadio e mórbido. O sadio corresponde aos elementos bons de cada corpo, ao que é belo, responsável pela saúde. O mórbido corresponde aos intemperantes, maus, o que é feio, o excesso, o desequilíbrio, a doença. Desse modo, a medicina é considerada pelo

filósofo como a ciência dos fenômenos do amor no corpo, sendo o belo e o feio fenômenos reconhecidos e transformados pelo médico.

Desse modo, segundo Erixímaco, a medicina é dirigida por Eros, assim como a agricultura, a educação, a ginástica, a música, entre outras ciências do fenômeno do amor. Contudo, o objetivo de todas, sejam elas humanas ou divinas, é o de conservar os dois tipos de amor, harmonizando-os física e espiritualmente em toda a natureza orgânica. Isto é, o amor irá consistir na conciliação dos opostos, procura dos afins.

Lacan (2010 [1960-1961], p. 72 e 77) comenta que, quando o filósofo define a medicina como a ciência dos fenômenos do amor no corpo, ele define a psicanálise. E, supõe que a realização do desejo não é, justamente, posse de um objeto.

Para Montoto (2012, p. 19 e 20), sustentar que somente podemos amar o que nos for mais semelhante vai ao encontro da denominada biologia do amor na contemporaneidade. Isto é, a ciência explicando nossas escolhas amorosas e nos eximindo de nossas responsabilidades. A biologia do amor chama de acoplamento associativo.

Desse modo, além de Erixímaco tratar a questão do amor como algo orgânico, passível de cura médica, o que foi identificado por Lacan (2010 [1960-1961], p. 71 e 72) como definição da psicanálise e aproximação do conceito de transferência³. Podemos compreender que a ambivalência do desejo apresentado pelos tipos de amor existentes ao mesmo tempo num corpo, nos faz depararmos com o incompreensível de nosso inconsciente, o real.

1.4 O DISCURSO DE ARISTÓFANES

Aristófanes, o comediante, após seguir a orientação do médico Erixímaco, provocando um espirro consegue cessar o soluço que lhe surpreendeu no momento de seu discurso.

O filósofo explanou seu discurso após Erixímaco.

Ele faz uma crítica aos homens, alegando que eles desconhecem o poder do amor, pois se conhecessem teriam construído maiores templos e altares para esse

³ Na Psicanálise, a transferência é um fenômeno que ocorre na relação entre o paciente e o terapeuta, quando os sentimentos, desejos e impressões dos primeiros vínculos afetivos são vivenciados e sentidos na atualidade pelo paciente.

deus. Segundo Aristófanes, o amor é o deus mais amigo do homem, protetor e médico que cura os males que causam a infelicidade para o gênero humano. Contudo, para compreender Eros é necessário compreender a natureza humana e suas vicissitudes, as quais não são as mesmas do momento em que o discurso foi proferido.

Na época do surgimento de Eros, a humanidade tinha três gêneros: um masculino (descendente do sol), um feminino (descendente da terra) e um andrógino (masculino-feminino, descendente da lua). A humanidade compunha-se de seres esféricos, com quatro braços e pernas, uma cabeça com dois rostos opostos, quatro orelhas, e, um genital de cada lado do corpo. Eles locomoviam-se rapidamente em movimentos circulares, apresentavam força e vigor terríveis.

Certa vez, eles tentaram escalar o céu para desafiar os deuses. Então, os deuses discutiram uma maneira de impedi-los e castigá-los, sem matá-los, para não comprometer seus templos e suas honras que vinham da humanidade. Depois de muito refletir, Zeus decidiu mantê-los vivos, porém mais fracos, então, cortou cada um deles em dois, tornando-os mais fracos e ao mesmo tempo mais úteis (já que ficaram mais numerosos). A partir de então, os seres humanos reduziram-se a dois braços, duas orelhas, um genital, e, andaram eretos sob duas pernas. E Zeus ameaçou cortar-lhes novamente ao meio caso não se acomodassem.

Quando cortava os homens, Zeus ordenava ao deus Apolo para voltar-lhes o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte para contemplarem sua própria mutilação e se tornassem mais moderados. Contudo, quando os homens moderavam-se, Zeus mandava Apolo curar-lhe sua ferida, torcer-lhes o rosto, repuxando a pele de todos os lados ligando-a firmemente no meio do ventre (umbigo), as demais pregas ele poliu, articulando algumas com os peitos deixando poucas pregas em volta do ventre e do umbigo para eles se lembrarem de sua antiga condição.

Desde então, os homens passaram a ansiar por sua outra metade e se uniam, envolvendo-se com as mãos, enlaçando-se um ao outro e, no ardor de confundirem-se, morriam de fome e de inércia geral, pois nada queriam fazer sem o outro. Porém, quando uma metade morria a que ficava buscava outra metade, e, assim iam se destruindo.

Zeus, diante da situação, teve compaixão da humanidade e ordenou que o deus Apolo virasse o genital dos seres humanos para frente. Com o intuito de que se

processasse a geração um no outro, caso seja uma mulher e um homem constituir-se-ia a raça, se fosse dois homens haveria saciedade em seu convívio para que pudessem repousar, voltar ao trabalho e ocupar-se pelo resto da vida. Desse modo, as ex-metades, por um breve momento, poderiam fazer algo que as restaurasse em uma só.

Este discurso de Aristófanes é conhecido como o Mito do Andrógino. E nos transmite a idéia que o Amor é o desejo e a procura de nossa completude é o desejo e a busca de nossa antiga natureza completa, perfeita e feliz.

De acordo com Lacan (2010 [1960-1961], p. 92 e 99), em nenhuma parte da obra “O Banquete” o amor foi levado tão séria e tragicamente como no discurso de Aristófanes. Ele identifica a superestima narcísica do sujeito, do sujeito suposto no objeto amado. E, ainda refere-se ao amor como um sentimento cômico, pois no fundo sua referência ao falo, isto é, o sentido de completude e de plenitude narcísica, o que nunca tivemos.

O filósofo Emmanuel Lévinas (SCHOEPFILN, 2004, p. 178), interpreta o amor no mito do Andrógino como um retorno sobre si mesmo, justificado pelo prazer. Alega que o amor é, em relação com outro, alguém que se transforma em necessidade e que o amor vai além do amado, daquilo que não existe ainda e, de um futuro jamais suficientemente futuro mais distante do possível.

Segundo Montoto (2012, p. 25), tal crença de que a humanidade em tempos anteriores obteve a perfeição, a completude pode ser encontrada na Bíblia através do mito do Paraíso. E, na contemporaneidade, a sensação de ter conseguido a completude almejada pode ser encontrada no período de namoro dos casais. Porém, o tempo se encarrega de desfazer esse estado de autoengano, mostrando que o amado é um outro, diferente do amante. Havendo, portanto, pelo menos duas alternativas para o amante: aceitar o amado como um outro, incapaz de lhe proporcionar completude ou, transformar o amor em ódio, cobrando o amado pela ilusão que ele mesmo criou.

Portanto, podemos considerar que é de suma importância se desvincular dessa alienação, aceitando que nunca fomos seres acabados, perfeitos, uma vez que, se for adquirido tal completude, haveria a morte, pois extinguiria qualquer demanda de desejo. E isso vale para qualquer pessoa. Como diria Lacan (2010 [1960-1961], p.41), “o amor é dar o que não se tem (completude) a alguém que não quer (a completude que o outro poderia lhe oferecer)”.

1.4 O DISCURSO DE AGATÃO

O poeta Agatão é o quinto a realizar um elogio a Eros. Inicia seu discurso criticando os anteriores e, alegando que o deus Eros não foi elogiado, nem sua natureza explanada, enquanto os homens foram felicitados pelos bens proporcionados por esse deus. Então, em seu discurso, Agatão, primeiramente, nos fala sobre a natureza de Eros e, posteriormente, sobre seus dons.

Antes da criação de Eros, tinha o reino da Necessidade, no qual havia mutilações, prisões e violências de todo tipo, devido à falta de Amor. Porém, após a criação de Eros, há o reino do Amor com paz e amizade.

Desse modo, os deuses tornaram-se discípulos, como por exemplo, através do desejo e do amor o deus Apolo criou a arte do arqueiro, a medicina e a adivinhação; as Musas criaram a poesia; Atena criou a tecelagem; e, Zeus criou a arte de governar deuses e homens.

Para Agatão, Eros é o deus mais novo que foge da velhice, mais feliz porque é belo, e, mais delicado porque habita o que há de mais brando entre os seres (nos costumes, nas almas de deuses e de homens). Ressalta que Eros está com os jovens por ser o deus mais novo, pois semelhantes se aproximam.

A bela compleição de Eros é acomodada e úmida, pois ele se molda nos vários formatos de suas moradas, removendo o sentimento de estranheza e proporcionando a familiaridade entre os seres.

O filósofo caracteriza Eros como um deus que serve de bom grado, temperante, justo, corajoso, poeta e sábio. O qual produz paz entre os homens, bonança no mar, repousos tranquilos de ventos e, sono na dor. E que ele não compartilha do que é feio, injusto e violento.

Evidencia ainda que: “Desde, porém, que este deus existiu, de se amarem as belas coisas toda espécie de bem surgiu para deuses e homens”. (PLATÃO, 2001, p.16).

Após o diálogo de Agatão, Sócrates faz algumas perguntas para melhor entender o discurso proferido por ele e ambos chegam à conclusão de que o Amor é o amor de algo bom e belo. E quem ama, deseja e ama aquilo de que é carente, isto é, aquilo que não tem e que não é. Segundo Lacan (2010 [1960-1961], p. 100 e

172), este é o grande enigma do amor de transferência, o que está em questão no desejo é um objeto e não o sujeito.

Neste discurso de Agatão, é evidente o conceito do amor como uma construção social que proporciona um convívio harmonioso dos homens entre si e dos deuses entre si, ou seja, as regras para a civilização e sobrevivência fora da barbárie. O que Lacan denomina de laço social, no qual o amor está entre o simbólico e o imaginário, enquanto o ódio é a impossibilidade de simbolizar o real (está entre o simbólico e o real).

De acordo com Montoto (2012, p. 21 e 22), podemos relacionar a característica de fuga da velhice de Eros com o sintoma contemporâneo do excesso de cirurgias plásticas e, o apagamento do valor da memória, dos laços familiares e da história dos sujeitos. Isto é, o apagamento da memória, do tempo, daquilo que mostra um percurso diacrônico na existência do sujeito.

Para o filósofo contemporâneo Rosseau (SCHOEPFLIN, 2004, p.27), é de suma importância nos tempos modernos que o homem recupere sua condição primogênita, na qual as boas qualidades reinavam. Isto é, que o amor recupere sua natureza divina que foi distorcida pelo ser humano, como um fruto perverso da civilização.

Pode-se evidenciar como um fruto perverso da sociedade capitalista, do consumo, a inversão de valores, no qual as boas qualidades, a contemplação do bom e do belo coincide com o que se consome e o que se tem materialmente e, não no que se é enquanto ser humano, em sua sabedoria. Isto é, o ser humano foi coisificado renunciando ao seu papel de sujeito pensante.

1.5 O DISCURSO DE SÓCRATES

Sócrates, o sexto orador, afirma pretender dizer a verdade sobre Eros. Seu discurso consiste na narração de um diálogo que um dia teve com uma mulher de Mantinéia, Diotima, a qual era entendida em muitos assuntos, dentre eles o Amor.

Segundo o diálogo entre Sócrates e Diotima, ao contrário do que anteriormente fora concluído entre Sócrates e Agatão, o amor não é belo e nem bom, não é sábio nem ignorante, ele não pode ser um deus, pois é carente do que é bom e belo desejando isso. Isto é, o Amor é o amor pelo belo, portanto, o amado

não é o belo, mas o que é amável que é belo e bom. E, quem tem o que é bom é feliz. Ressaltando que o que é feio é o inadequado ao divino e, o belo é o adequado.

Explanam, ainda, a origem do Amor:

Quando nasceu Afrodite, banquetavam-se os deuses, e entre os demais se encontravam também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois vinho ainda não havia – penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por seu filho o amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e energético, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível, mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. Eis com efeito o que se dá. (PLATÃO, 2001, p. 21)

De acordo com a origem e herança deixada por seu pai, o Amor é o amor do bem e anseia a imortalidade, tanto do corpo quanto da alma. Desse modo, há dois caminhos do Amor nos homens: o da procriação e o da criação. Nos quais ambos se eternalizam.

Quando o amor dos homens pela imortalidade está mais voltado para o corpo temos a procriação, que consiste em deixar um outro ser humano mais novo no lugar do velho. Quando está mais voltado para a alma há a criação através dos poetas, artesãos, filósofos, governantes (com a organização da pólis mediante prudência e justiça), entre outros.

Também segundo a origem do Amor, Sócrates e Diotima, evidenciam que, o amor é um grande gênio (*daimon* ou demônio, mensageiro) dentre muitos outros, é algo entre o mortal e o imortal com o poder de interpretar e transmitir o que vem dos deuses aos homens e vice-versa. Ou seja, é através do amor que se faz o convívio e o diálogo dos deuses com os homens, como por exemplo, a contemplação do Bem Supremo.

Eis que Sócrates e Diotima identificam o caminho do Amor e sua função pedagógica para os homens (conhecimento), definindo o Amor como um colaborador da natureza humana: “dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das belas ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo”. (PLATÃO, 2001, p. 26 e 27)

Segundo Lacan (1960-1961 [2010], p. 125 e 126), no mito sobre a origem do Amor encontrado no discurso de Sócrates é evidente que o gênero masculino é o passivo e desejável, enquanto o feminino é o ativo e desejante. Pois o pai do Amor – Recurso estava dormindo enquanto a Pobreza, acordada, aproveitou a oportunidade (teve ação). E caracteriza o amar como dar o que não tem, devido à origem materna do Amor, sua mãe Pobreza, que é constituída da falta.

O autor ainda refere que o domínio humano é marcado pela alternância da geração e da corrupção fundamentando sua essência (desejo de vida e desejo de morte, função metonímica do desejo). Contudo, o belo (o bem) é uma ilusão, uma miragem fundamental para o seu anseio por imortalidade. Ele ainda aponta a articulação teológica do Eros platônico com o amor Ágape (cristão), na medida em que o Eros platônico visa sua própria perfeição, ser o que não é. (LACAN, 1960-1961 [2010], p. 131 e 132).

Neste conceito de amor Ágape, Spinoza (SCHOEPFLIN, 2004, p.25) refere que Deus e a natureza são regidos por uma racionalidade absoluta e perfeita e, o conhecimento libera o homem dos desejos inúteis, possibilitando-o sua evolução com a contemplação das Ideias do Bem Supremo (busca da perfeição). O que vai de encontro com a função pedagógica do Amor descrita por Sócrates e Diotima.

No que diz respeito ao caminho para a imortalidade através da geração, o filósofo Emmanuel Lévinas (SCHOEPFLIN, 2004, p. 181 e 182) refere que o pai não é simplesmente causa do filho, mas ele busca continuar o seu eu no próprio filho. O amor do pai pelo filho realiza a única relação possível com a própria unicidade de outro alguém e, neste sentido, todo amor deve se aproximar do amor paterno, o qual pode ser considerado como uma extensão do eu.

Contudo, podemos concluir após o discurso de Sócrates, que o amor é um sentimento universal, pois todos desejam para si o que é belo e bom. Porém, os caminhos para se amar são diferentes. Na concepção de Sócrates e Diotima, o amor está vinculado à sua essência do ser humano, no desejo do que não se é. Desse

modo, o Eros-paixão transforma-se em Eros-desejo, consistindo no conhecimento de sua própria falta e, na busca de sua plenitude.

1.6 O DISCURSO DE ALCIBÍADES

Após o discurso de Sócrates, Alcibíades chega, embriagado, aos gritos na casa de Agatão, com uma coroa tufada de heras e violetas para ser entregue a Agatão. Ao chegar, recostou-se aos pés de Agatão, separando-o de Sócrates, porém reclama quando percebe a presença de Sócrates. O qual, queixa-se a Agatão sobre o ciúme e inveja de Alcibíades.

O recém-chegado pede uma taça de vinho, denominando-se o chefe da bebedeira. Foi esclarecido por Eríximaco sobre o combinado quanto aos discursos sobre Eros. Ele recusa, pois sente-se em desvantagem por causa de sua embriaguez. Então, ele propõe louvar a Sócrates, ressaltando não ridicularizá-lo, mas falar a verdade.

Em seu discurso, Alcibíades, inicialmente compara Sócrates aos sátiros e silenos, isto é, tendo-o como um semideus. Posteriormente, o descreve como alguém que seduz os mais jovens com palavras e discursos, e ainda, expõe suas fracassadas tentativas de seduzir Sócrates com sua beleza física e juventude, aconselhando Agatão a ter cuidado para não se tornar amante de Sócrates.

Podemos perceber a ambivalência amor-ódio no discurso de Alcibíades. Ressaltando que o ódio não é o oposto do amor, pois seu oposto é a indiferença. Desse modo, amor e ódio são duas faces da mesma moeda, sendo o amor o desejo daquilo que lhe falta e o ódio o aniquilamento do objeto desejado. Tal ambivalência é explícita quando Alcibíades alega:

E muitas vezes, sem dúvida com prazer, o veria não existir entre os homens; mas se por outro lado tal coisa ocorresse, bem sei que muito maior seria a minha dor, de modo que não sei o que fazer com esse homem. (PLATÃO, 2001, p.30)

Segundo Lacan (1960-1961 [2010], p. 150, 152 e 153), há um objeto escondido no interior de Sócrates que provocou o amor de Alcibíades, este objeto é denominado de *Algama* e faz parte do imaginário. Ainda evidencia que, no diálogo

metafórico de Alcibíades, o qual elogia Sócrates, não há substituição do elogio do amor, mas do próprio amor. Isto é, Alcibíades era um homem tocado por Eros.

Contudo, Sócrates recusa-se a ser objeto de amor de Alcibíades e qualquer outro, pois não considera nada de amável em si, considera seu interior como um grande vazio. Isto é, acredita não possuir o *Algama* e, deseja que Alcibíades ocupe-se de sua alma (afinal este é o grande ensinamento do amor em Sócrates, o amor ao Supremo, contemplação do Bem/Belo, o qual Alcibíades desviou para a beleza dos corpos) (MIRANDA, 2009, p.40)

Sócrates percebe a intenção de Alcibíades de sedução e de tentar colocar Agatão contra ele, denunciando o ciúme de Alcibíades. Agatão compreende a tentativa de Alcibíades de separá-lo de Sócrates, e, convida Sócrates a permanecer a seu lado no Banquete, o que revolta Alcibíades. Com Agatão sentado à sua direita, começaria uma nova rodada de discursos que consistiria em fazer elogios a quem estivesse sentado à sua direita. Mas um tumulto se forma com a entrada de um numeroso grupo de pessoas embriagadas, ocasionando a desordem total. A partir daí todos bebem vinho em demasia. Alguns foram embora, enquanto o festim continuava até o dia seguinte com Agatão, Aristófanes e Sócrates. Após Agatão e Aristófanes adormecerem, Sócrates se retira, pela manhã, em companhia de Aristodemo, em direção ao Liceu, onde passou o resto do dia e, posteriormente, descansando em sua casa à tarde. E assim, encerra-se a obra “O Banquete”, de Platão.

2 O AMOR DE PHILIA

"Os maus só têm cúmplices; os libertinos têm sócios de devastação; o comum dos homens ociosos têm relações; os homens virtuosos têm amigos" (Voltaire, 1694-1778)

Neste capítulo será abordado o conceito de amor-amizade do filósofo grego empirista Aristóteles (384-322 a.C.), o qual dedicou-se a estudar explicações racionais do mundo que o cercava. Dentre elas, a preparação do indivíduo com o agir moral (virtuoso: temperança, coragem, liberalidade, justiça e prudência) em busca da perfeição, desejando ao próximo ou ao coletivo o que se deseja para si mesmo.

A ética de Aristóteles é de caráter teleológico, ou seja, considera que toda ação humana é realizada devido a um fim soberano, último que é o bem. Tal bem soberano, imanente ao homem, realizável pelo e para o homem quando suas ações virtuosas estão em conformidade com a atividade racional, chama-se felicidade. Portanto, é em busca desse bem soberano que se move a boa ação humana (imanente ao homem, todos os homens desejam), sendo os demais bens externos meios, condições prévias para atingí-lo.

Os bens são hierarquizados por Aristóteles em: relativos (insuficientes, necessários para a vida cotidiana e que estão em constante processo de mudança, ex: materiais, prazeres vitais, entre outros); e intrínsecos (autossuficientes – o bem não para um indivíduo, mas para um coletivo, supremo, torna a vida desejável e sem carência de nada, ex: felicidade).

A felicidade é um bem supremo, autossuficiente, desejado por si e por causa de si e nunca em vista de outro bem, não é realizável totalmente, sendo buscada constantemente na ação de viver do homem (MALINOSKI; SILVA, s.d., p.4).

Na concepção de Aristóteles, o homem feliz vive bem e age bem, desse modo, a felicidade é definida como uma espécie de boa vida e boa ação (virtude). Enfatiza ainda que a natureza do homem é política (não vive sozinho, mas agregado em grupos) e, por isso, sua felicidade plena só é realizável na pólis.

Uma vez que a felicidade é concebida como uma virtude, esta é atribuída não ao corpo, mas à alma. A felicidade, então, também é chamada por Aristóteles como uma atividade da alma. O autor ressalta que toda alma tem um estado de natureza

que tende a torná-la melhor ou pior, sendo em razão do bom ou mau uso dos prazeres e dores que os homens se tornam bons ou maus.

Em sua obra “Ética a Nicômaco” (livro II, 1991, p. 29), Aristóteles classifica a virtude em duas espécies: intelectual (adquirida com ensino, experiência, tempo) e a moral (adquirida pelo hábito), que estão em constante relação com nossas paixões (amizade, ódio, inveja, alegria, entre outras), faculdades (nosso sentir: magoarmonos, irarmo-nos, alegrarmo-nos, entre outras) e disposições de caráter (nossa posição frente ao mundo, que podem ser boas/virtuosas ou más, louvadas ou censuradas).

Na mesma obra, o autor apresenta o amor de amizade (Philia) como uma virtude ou algo que implica virtude, considerando-a necessária para a vida humana. Ou seja, a amizade é o desejo do bem (benevolência) recíproco.

O tema da amizade, abordado por Aristóteles, insere-se na área do conhecimento das ciências práticas (Ética e Política). O objetivo dessas ciências é buscar o saber em função de uma conduta moral apropriada ao cidadão, atualizando-se naquele que age de acordo com as virtudes (areté), via mediania (mesotes), em busca do bem supremo (eudaimonía), conforme a finalidade (télos) da natureza humana, sempre orientado pela sabedoria filosófica (phrónesis). Nessa perspectiva, a amizade também é um bem supremo. (PICHLER, et. al., 2004, p.194)

O amor de amizade (Philia) é dividido em três espécies: amizade virtuosa, amizade útil e amizade prazerosa. Contudo, para entendermos as diferentes espécies de amizade, segundo Aristóteles, é preciso, primeiramente, conhecer o objeto de amor: “Ora, nem tudo parece ser amado, mas apenas o estimável, e este é bom, agradável ou útil”. (ARISTÓTELES, 1991, p.172).

E, ainda, refere:

o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter (p.178) O amar parece ser a virtude (p. 182) O ideal do amor é ser como que um excesso de amizade, e isso só se pode sentir por uma pessoa, donde se segue que também só podemos sentir uma grande amizade por poucas pessoas (ARISTÓTELES, 1991, p. 215 e 216)

Isto é, o amor ou apego pode acontecer de um humano para um objeto inanimado, enquanto a amizade, algo que exige reciprocidade, só pode ocorrer entre seres vivos racionais (humanos).

Na amizade útil (de espírito mercantil) e na amizade prazerosa, ambas chamadas acidentais, praticadas por homens maus (não-virtuosos, mercenários, narcisistas e egoístas), o objeto de amor é o agradável e o útil. Portanto, quando estes cessam, cessa a amizade. Neste tipo de amizade é possível ser amigos de muitos, já que não é exigido muito tempo. Até os maus podem ser amigos uns dos outros, ou os maus podem ser amigos dos bons, desde que a amizade lhes traga vantagem.

A amizade considerada perfeita por Aristóteles é a de espécie virtuosa, na qual o objeto de amor é o outro em si por ele ser bom/virtuoso, sendo a mais duradoura, pois a bondade/virtude é algo muito durável e, também útil e agradável.

Para Pichler et. al. (2004, p. 200 e 201), a amizade é um bem supremo que nos conduz à vivência da plenitude humana, mediada com amigos bons e vida contemplativa. Ou seja, para ser feliz, o homem necessita de amigos virtuosos. Uma vez que sua natureza é social, o homem necessita dos outros para compartilhar seus bens espirituais, pois isolados não seriam seres éticos (histórico-sociais).

As virtualidades e possibilidades da natureza humana só ocorrem na mediação com o outro, na alteridade, com a reflexão sobre o interior de si mesmo, reconhecendo o que lhe é próprio (identidade), na medida em que o eu se desdobra na pessoa do amigo sob a modalidade de um outro eu (convivência íntima). (ROCHA, 2006, p.73).

A amizade virtuosa é a mais rara e não nos permite ser amigos de muitos, uma vez que exige tempo, familiaridade, intimidade. A única invulnerável à calúnia, resistente ao tempo e à distância, dispensadora da justiça, fundamentada na convivência, na confiança e no companheirismo.

Quando os homens são amigos, não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade (p. 171) As imposições da justiça também parecem aumentar com a intensidade da amizade, o que implica que a amizade e a justiça existem entre as mesmas pessoas e são coextensivas. Ex: mais abominável ferir o próprio pai do que a qualquer outro (ARISTÓTELES, 1991, p.184)

Neste tipo de amizade, os homens desejam o bem àqueles a quem amam por eles mesmos, ou seja, tornam-se um bem para seu amigo. O qual, amando o que é bom, retribui este bem com benevolência e igualdade. O homem bom, quando

amigo, é um outro eu. Isto é, o extremo da amizade é comparado ao amor que sentimos por nós mesmos (autoconhecimento, uma vez que buscamos a perfeição moral no espelhamento do outro, expansão social do eu). Logo, o homem bom não se torna amigo de alguém que lhe é superior (ARISTÓTELES, 1991, p. 178, 180 e 202)

Contudo, a igualdade nem sempre pode estar presente na amizade, como por exemplo, naquelas existentes entre pais e filhos, pessoa com mais idade com outra de menos idade, cônjuges, colegas de trabalho com diferença de cargos hierárquicos, entre outros. Aristóteles nos diz que, quando isto ocorre, o amor deve ser proporcional (ARISTÓTELES, 1991, 1991, p. 180).

Em todas as amizades que envolvem desigualdade, o amor também deve ser proporcional, isto é, o melhor deve receber mais amor do que dá, assim como deve ser mais útil, e analogamente em cada um dos outros casos; pois quando o amor é proporcional ao mérito das partes, estabelece-se, em certo sentido, a igualdade, que é indubitavelmente considerada uma característica da amizade (ARISTÓTELES, 1991, p.181).

Tal amizade virtuosa deve-se romper quando eventualmente um dos amigos se torna mau, pois ela só ocorre entre os bons. Porém, se as atitudes morais desses amigos que se tornaram maus forem passíveis de mudanças, o amigo bom deve auxiliá-lo; se a mudança não for possível é lícito que o amigo bom o abandone (PICHLER et. al., 2004, p. 202).

Podemos concluir que, para a amizade ser verdadeira (virtuosa), requer-se desejo e intimidade com orientação da razão, a qual fornece aos desejos o equilíbrio necessário. É um comportamento destinado para o outro; um momento essencial da vida feliz que implica reconhecimento, bondade e reciprocidade. Ela é um valor que nos conduz à eudaimonia, à felicidade como experiência e vivência da plenitude humana, mediada com amigos bons e vida contemplativa, proporcionando sentido à nossa existência (PICHLER et al, 2004, p. 201, 202 e 203). “A amizade é uma parte estruturante da felicidade, entendida como vida boa e boa conduta” (PICHLER et al, 2004, p.203).

A amizade está mais voltada para o mundo e, por isso, é um fenômeno político. É importante ressaltar que o mundo aristotélico é orientado pelo bem comum, pelo interesse público e pelo ideal da excelência. Assim, também as relações de amizade possuem estas características e são, por isso, desejáveis (ASSUMPÇÃO, 2007, p.16).

Pichler et. al. (2004, p.194), traz algumas reflexões sobre a concepção do amor de amizade de Aristóteles na contemporaneidade, uma época carente de valores morais afetivos, caracterizada pela fragmentação da subjetividade, a desagregação familiar, o processo de desinteresse social e político; acentua-se a emergência do direito do indivíduo à subjetividade. O mínimo do compromisso afetivo, moral e político e o máximo de consumo e ativismo ocasiona uma crise de sentido da vida, torna pertinente a preocupação de estabelecer parâmetros de conduta moral e social aos indivíduos e cidadãos da contemporaneidade.

Os laços de amizades restringiram seu universo, tornaram-se cada vez mais intrafamiliares, perdendo seu caráter de livre escolha. Os amigos passaram a ser apenas o cônjuge ou algum parente próximo, as amizades quando não estão na família, estão ao seu redor, por exemplo, o casal que tem um casal de amigos, quando ocorre a separação de um dos casais ocorre também a separação do laço amigável. Além disso, nas relações de trabalho, os laços de solidariedade deterioraram-se dando lugar à competitividade (ASSUMPÇÃO, 2007, p.17 e 18).

O ativismo da vida moderna ocasiona a escassez de tempo e até mesmo de desejo dos sujeitos modernos, sendo raras as pessoas que se dedicam à vida intelectual, ao estudo em busca do ser, do agir, do fazer, das fontes de felicidade. (PICHLER et. al., 2004, p. 203)

Para Félix (2011), com o surgimento das redes sociais (facebook, orkut, blogs, sms, entre outros), a escassez da amizade virtuosa nos tempos modernos se torna cada vez mais dilatada e volúvel. Faz-se amizades num clique, amizades acidentais, porém o desejo de amizade pode surgir instantaneamente, mas a amizade não. Tais tecnologias dispensam o contato direto com o outro, prejudicando relações concretas, como por exemplo, a amizade virtuosa.

Assumpção (2007, p.16) ainda enfatiza que a concepção de amizade se enfraqueceu com o surgimento do cristianismo, o qual universalizou o conceito até então definido por amizade, apresentando o conceito de amor ao próximo. Desse modo, o conceito de amizade sofreu uma drástica ampliação, deixando a

seletividade, pois tratar o amigo como um outro eu foi estendido ao próximo (qualquer um, amigo ou inimigo). Há o declínio do conceito filosófico de amizade com a relevância do conceito de amor ao próximo, defendido pelo discurso religioso e, conhecido como o amor de caridade:

aquele amigo que era um outro eu, a quem se queria o bem como para si, deverá corresponder a qualquer um, a todos os outros, o amigo deverá ser o próximo. “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Esta a máxima cristã, que equivale a dizer que todos devem ser tratados como amigos ou, em vocabulário cristão: “todos somos irmãos”. (ASSUMPÇÃO, 2007, p.16).

Ainda na contemporaneidade, nos deparamos com a patologização das relações interpessoais (ASSUMPÇÃO, 2007, p.16), um maior recolhimento, distanciamento até mesmo no ambiente doméstico, o enfraquecimento dos laços de amizade, individualismo exacerbado (perda da dimensão do bem comum e de seu reconhecimento como membro de uma comunidade), a substituição das relações fraternas por relações terapêuticas (soluções técnicas, o temor de encontrar o outro, um amigo contratado e regulado por um código de ética – “juridicamente controlado”). O desejável, de acordo com essa concepção de modernidade, seria uma conduta social racional, desvinculada das atitudes familiares de fundo emotivo.

Segundo Gomes e Júnior (2007, p.57), os sujeitos contemporâneos imersos em suas “redomas solitárias” num mercado capitalista que os transformam em mercadorias (com atributos apenas de conveniência de uso, descartabilidade do ato de consumir), esfacelando a solidariedade humana e suas habilidades de sociabilidade vivenciam uma extrema solidão, com relacionamentos estreitos, frouxos, inseguros, rápidos. Contudo, a preocupação exclusiva com interesses individuais não satisfaz, pelo contrário, revela o sofrimento sentido pela escassez de contato humano (solidão, patologias emocionais e físicas e sociais, entre outros).

Assumpção (2007, p.18), refere em sua obra sobre o aumento da procura dos psicanalistas pelos sujeitos contemporâneos, com o intuito de substituir a amizade pelo serviço profissional, cuja atenção e fidelidade são garantidas. Contudo, vale ressaltar que há um equívoco nesta visão sobre amizade e psicanálise. Apesar da amizade e da análise psicanalítica terem como base o diálogo, é importante ressaltar que a amizade trata-se do relacionar-se com o outro, e a análise

psicanalítica consiste numa técnica para identificar o que há por trás da fala do sujeito, isto é, o inconsciente que sobredetermina o sujeito. Portanto, a psicanálise auxilia o indivíduo a descobrir seus fantasmas (traumas), inconscientes adquiridos ao longo de sua vida e que refletem na sua relação com o Outro.

Desse modo, podemos considerar que, na contemporaneidade, há escassez dos valores trazidos pela concepção aristotélica sobre a amizade virtuosa (reflexão autocrítica sobre o ser no mundo, o desenvolvimento das potencialidades humanas: criar, transformar, decidir, aprender, refletir suas vivências, trocar experiências, entre outras), com exacerbação da amizade accidental (útil e prazerosa).

3 O AMOR DE ÁGAPE

“Quando amamos, amamos a Deus.” (Santo Tomás)

Neste capítulo será abordado sobre o conceito de Ágape, o amor de caridade sob a ótica do teólogo africano e bispo cristão Santo Agostinho, e, do padre italiano São Tomás de Aquino.

O amor-Ágape aparece no Novo Testamento Bíblico. Significa a prioridade de Deus acima de todas as coisas e o amor ao próximo sem interesse próprio para chegarmos a Deus alcançando a plenitude. Ou seja, o amor cristão ao contrário de Eros e Philia é um amor de doação. É um dom de Deus que devemos seguir por gratidão, devido ao fato Dele ter enviado à Terra e sacrificado seu próprio Filho para nos salvar de nossos pecados. É o sinal da presença de Deus e de seu espírito, chamado de Ágape, o qual se revela através da caridade, misericórdia, benevolência, compaixão, indulgência, e perdão ilimitado (QUADROS, 2011, p.169).

A regra que define o amor é o próprio amor, evidencia Gomes (s.d., p.10):

Mas, que é o amor? O amor é a capacidade de desejar o bem ao outro, é a dedicação absoluta de um ser humano ao outro ser. É o elo de ligação entre os seres humanos, dando significado ao existir humano, fazendo-o existir autenticamente, valorizando a existência de si mesmo e do outro. É o encontro com o outro e, comporta dentro de si, o desejo, a alegria, a felicidade, o prazer, a beleza, a bondade, a humanidade, a justiça, a ausência do medo, a reciprocidade e a verdade. É uma relação profunda entre almas que se amam em elevado grau, na plenitude da alegria que se caracteriza no encontro Eu – Outro – Outro Absoluto. Essa capacidade só é adquirida, conforme Agostinho, quando o homem, pelo caminho da interioridade, descobre-se e se encontra em Deus, Plenitude do Amor, encontrando-se com o outro sempre pelo caminho da reciprocidade. Nesse sentido, se há reciprocidade, o amor se evidencia no comprometimento com o outro e, se assim não o fizer, torna-se culpa. A culpa se dá, porque a própria consciência humana reconhece estar agindo incoerentemente, infringindo a regra do próprio amor.

Para Schoepflin (2004, p.16), Agostinho descobre que o amor é o nexos das pessoas divinas sob o olhar voltado diretamente para o ser humano e suas faculdades, sustentando que somente o amor explicaria a vida da alma e sua possibilidade de elevação ao conhecimento unitivo de Deus.

Ou seja, somente o amor diferenciaria a cidade de Deus (caritas, justos, aqueles que amam a Deus acima de tudo até de si mesmo, desejam o bem, valorizam e ordenam todas as criaturas e os dons do Criador, o amor correto e santo) da Cidade dos Homens (cupiditas, egoístas, que amam os prazeres do mundo, amam de modo equivocado⁴. Ainda evidencia que cada um é impelido pelo próprio peso (amor correto ou errado) para o lugar que lhe cabe: a felicidade ou a infelicidade.

Quadros assinala que (2011,p. 3 e 9) na concepção de Agostinho, o amor é uma lei existencial, pois ninguém poderá existir sem amar. Com o amor, o homem garante sua própria existência, já que ele proporciona a união garantindo a reprodução e a sobrevivência da espécie. Além disso, a felicidade só é obtida quando se percorre os caminhos do Ser e do Bem (GOMES,s.d., p. 16).

Pode-se considerar que o amor é um movimento que busca amenizar ou sanar uma falta que se origina em um desejo. Ou seja, é a carência através do desejo do bem ausente, acompanhado pela vontade de escolher este bem. E, para escolher este bem é preciso conhecer a si mesmo e o outro (GOMES, s.d., p. 9, 10 e 11). “Apesar de o amor ser uma lei existencial, é constante aprendizagem. Amar é descobrir-se, descobrir o outro e descobrir-se no e para o outro” (GOMES, s.d., p.18)

A virtude suprema, portanto, é o amor de caridade e nossa condução para a vida bem-aventurada. Tal virtude suprema é dividida em quatro subtipos básicos para toda e qualquer ação humana, denominados de Virtudes Cardeais: o primeiro é a prudência através da distinção do que é bom ou mal (sabedoria); o segundo é a fortaleza com o amor que tudo suporta ou capacidade de enfrentar obstáculos (firmeza, coragem); o terceiro é a temperança com o amor que se oferece integralmente ao amado, contendo os prazeres sensitivos dentro dos limites estabelecidos pela razão (moderação); e, o quarto é a justiça com a servidão ao amado de modo equitativo (no considerar e respeitar o direito e o valor que são devidos a alguém, ou alguma coisa) (SCHOEPFLIN, 2004, p. 68 e GREGÓRIO, 2010).

Ressaltando que as virtudes supremas, também denominadas de Virtudes Teologais, são divididas em três: a primeira é a fé (crer em Deus, um ser superior,

⁴ Este tema é desenvolvido no livro “As duas cidades”, Santo Agostinho. Editora Vozes.

criador de tudo e todos); a segunda é a esperança (o desejo do bem e a crença em tempos melhores e na eternidade); e, a terceira é a caridade que é sinônimo de amor, o qual significa reconhecer a dificuldade ou sofrimento alheio e auxiliar o próximo como a si mesmo (VELOSO, [200_]).

Schoepflin (2004, p.68), evidencia que o amor de caridade é o amor do sumo bem, da suma sabedoria e concórdia. Isto é, o amor a Deus, relacionando as virtudes cardeais com o Supremo Bem (Deus):

A temperança é o amor íntegro e incorrupto para Deus; a fortaleza é o amor que serve somente a Deus, em virtude do qual é capaz de dirigir bem todo o resto que é submisso ao homem; a prudência é o amor que sabe discernir corretamente entre aquilo que serve para nos aproximarmos de Deus e aquilo que pode nos atrapalhar (SCHOEPLIN, 2004, p. 68).

Desse modo, para Agostinho, a virtude nada mais é do que aquilo que se deve amar, respeitando a ordem da caridade (operando com a justiça, amando com misericórdia amigos e inimigos, fugindo da luxúria, e, seguindo os mandamentos de Deus). O pioneiro objeto de amor é Deus, antes que qualquer outra criatura (SCHOEPLIN, 2004, p. 70 e 71).

Agostinho nos ensina que a ordem e a justiça são instituídas pela prática do amor a Deus. Ressalta que a justiça encontra na ordem baseada no amor a sua justificativa mais autêntica, porque nenhum ser humano poderia ser justo sem se submeter ao Deus, Senhor de todas as coisas. E, ainda afirma que o amor é um grande sofrimento, pois não possuímos de verdade o que amamos, mas sim aquilo que é possível amar, contudo, da raiz deste amor nascerá apenas o bem (SCHOEPLIN, 2004, p.17 e 69).

É possível estabelecer forte ligação entre vontade e amor, através da concepção de Santo Agostinho e da concepção do bispo de Hipona (a vontade é o guia do ser humano, de suas decisões e atitudes). Isto é, uma vontade que se torna amor, se torna um guia eficiente (SCHOEPLIN, 2004, p.17).

Gracioso (2012, p. 21 e 22), Agostinho considera a vontade impelida por dois amores: cupidez e caridade, que a conduzem para realidades diferentes. A cupidez busca a felicidade nos prazeres dos corpos; e a caridade conduz a vontade a amar o que é único e merece ser amado: Deus, tornando-se feliz. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, dotado de corpo e alma. Se o homem seguisse o

movimento natural em direção ao Criador, seria feliz. Mas, se abusasse do livre-arbítrio da vontade, desobedecendo e cedendo ao orgulho, iria morrer e tornar-se escravo. Dessa maneira, Deus criou o homem reto. Entretanto, ele se corrompeu pelo mau uso da própria vontade.

Em São Tomás, também é possível identificar a relação entre vontade e amor. Em sua concepção, há amor em Deus por ser um ato da vontade. Apresenta alguns pressupostos em relação ao amor:

É próprio da natureza do amor fazer com que aquele que ama queira o bem do amado. Para que haja amor verdadeiro se requer que a pessoa queira o bem de alguém na medida que lhe cabe. Na verdade, nós amamos mais aqueles que estão unidos a nós por consanguinidade, por relações de convivência, ou por outros laços desta espécie, do que outras pessoas que estão unidas pela simples semelhança da natureza humana. O amor, na sua formalidade, não repugna à perfeição divina. Logo tal amor existe em Deus. Tem a propriedade de impelir a união. É o princípio de qualquer outro afeto... (SCHOEPFLIN, 2004, p.79, 80 e 81).

Pichler menciona que, (2010, p. 314) em São Tomás, o objeto da vontade delinea-se antes de seu ato, de sua execução.

Para São Tomás, amar a Deus é uma predisposição natural do ser humano, estabelecida pelo próprio Deus no ato da criação, pois quando o homem ama a si mesmo ama também a Deus através da harmonia e unidade dessa capacidade natural de amar a Deus. Com o amor, o ser humano eleva suas potencialidades positivas, realizando-se plenamente e assemelhando-se ao Criador ao tentar unir-se a Ele e aos outros seres humanos (SCHOEPFLIN, 2004, p. 20 e 21) Pichler (2010, p.315, 317), em São Tomás, a beatitude (felicidade, boa vida, vida virtuosa) do homem está na contemplação das coisas divinas. Uma vez que, o mundo e todas as criaturas procedem de Deus e a ele tendem a retornar.

A lei divina no antigo testamento considerada como “lei do temor”, que se tornou “lei do amor” no novo testamento, tem por finalidade fazer o homem aderir a Deus através da ordenação do amor, tornando o homem bom, com uma vontade boa de querer o bem e com a prática de atitudes virtuosas (SCHOEPFLIN, 2004, p.85, 86 e 87).

Contudo, tal lei também visa o amor ao próximo. São Tomás evidencia cinco pontos referentes a esta questão:

1. Entre aqueles que têm um fim em comum, deve haver uma união de afeto. Ora, os seres humanos têm em comum, o fim último de alcançar a felicidade, para a qual são dirigidos por Deus. Logo, é necessário que eles estejam unidos entre si pelo amor recíproco.
2. Quem ama uma pessoa, ama por conseguinte também aqueles que são amados por ela, e os seus conjuntos. Pois bem, os seres humanos são amados por Deus, tendo Ele estabelecido previamente para eles, como último fim, participar da própria felicidade divina. Por isso é necessário que alguém, no momento em que se torna amante de Deus, torne-se amante também do próximo.
3. Sendo o ser humano “por natureza social, um animal social” [Ethic. 1, c.5], ele precisa da ajuda dos outros seres humanos a fim de alcançar o próprio fim. E isso acontece da maneira mais oportuna, através do amor recíproco. Por isso o amor mútuo nos é ordenado pela lei de Deus, que guia o homem para o seu fim último.
4. O ser humano precisa de tranquilidade, de paz, para dedicar-se às coisas de Deus. Ora, as coisas, que podem perturbar a paz são eliminadas de modo particular pela caridade recíproca. Por conseguinte, considerando que tal lei divina guia os seres humanos, sobretudo a dedicar-se às coisas de Deus, é necessário que vigore nos homens o amor recíproco que brota da lei divina.
5. A lei divina é dada aos seres humanos como ajuda à lei natural. Ora, para todos os seres humanos é natural se amarem mutuamente. A esse respeito temos um sinal de que o homem, movido por um instinto natural, é levado a socorrer qualquer outro ser humano, mesmo desconhecido, que passe necessidade... (SCHOEPFLIN, 2004, p.87)

Além destes pontos referidos por São Tomás, podemos evidenciar o amor ao próximo através de algumas passagens bíblicas:

Este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros (Jo 15,12).
 Nós recebemos de Deus este mandamento, que quem ama a Deus ame também o próprio irmão. (1Jo 4, 21)
 Amarás o teu próximo. (Mt 22,39) (*apud* SCHOEPFLIN, 2004, p.88)

A moral de Aquino tem influência dos conceitos aristotélicos, atualizando-o nos moldes do cristianismo. Traz-nos a concepção de que o homem tem um desejo natural para existir eternamente, sua vida não está apenas nas coisas mundanas. Deus é o fim último e único de todos os seres animados e não a vontade (PICHLER, 2010, 312, 314).

Pode-se concluir que o amor ágape é um sentimento sublime, a mais bela virtude, que aproxima o homem de seu Criador. O qual Aquino compreende como a busca do homem pela beatitude (vida feliz), que só é possível com o amor a Deus e

a prática de atos virtuosos. E, Agostinho compreende como uma ética cristã que resgata os valores fundamentais do homem para sua humanização: o ser, o existir, e, o bem. (GOMES, s.d., p. 18; GRACIOSO, 2012, p. 21).

Contudo, a coisificação das relações afetivas, o individualismo, o consumismo, e, as diversas formas de violência são algumas características da contemporaneidade que se opõem ao amor ágape (QUADROS, 2011, p.170 e171). Uma vez que, o amor é a humanização do homem racional, representando sua totalidade (sentimentos, pensamentos, e ações) voltada para sua relação com o outro, tornando-a justa, boa e amável. Ou seja, o homem quando ama, humaniza-se (GOMES, s.d., p. 2).

4 FEDRO

O filósofo Platão, em sua obra Fedro, trata sobre o tema do amor através da contemplação do belo e da transcendência da alma. Pretende-se discorrer sobre os capítulos I, II, III e IV desta obra.

A obra inicia-se com Fedro saindo dos muros da cidade para espairecer, conforme indicação do médico Acumeno, após ter ficado muito tempo na casa de Lísias escutando discursos proferidos pelo sofista. Neste percurso, encontra com Sócrates, e, ambos se distanciam da pólis, recolhem-se à beira de um riacho, na sombra de um plátano para a leitura do discurso de Lísias sobre o amor (SILVA E. M., 2011, p.21).

Oliveira (2012, p.178) e Silva (E.M., 2011, p.22), ressaltam que neste diálogo Sócrates sai da pólis pela primeira vez, devido ao seu amor pelos discursos, pois ele tem a opinião de que a pólis é o domínio dos homens e, apenas entre outros homens, pode-se aprender algo, portanto, a natureza nada tem a ensinar. Contudo ao sair da pólis, o que nunca havia feito antes, significa transpor os limites do humano.

Em seu discurso, Lísias diz que devemos conceder favores a quem não nos ama e nunca a quem ama, apresentando um eros originário do desejo, irracional, intemperante, e, nocivo para os homens. Segundo ele, um homem apaixonado fica cego de desejos e tomado por um sentimento que o torna capaz de realizar as maiores loucuras, odiando tudo que lhe é superior, amando tudo que não apresenta resistência, procura um outro com poucas virtudes para acentuar as deficiências deste, exercer seu domínio, e, obter menos riscos de perder o seu prazer momentâneo. Contudo, após saciar seu desejo, os amantes arrumam um pretexto para abandonarem o amado, arrependendo-se de suas promessas. Enquanto o não-apassionado, por aproximar-se desinteressadamente, estabelece uma relação duradoura com seus amados. Após a leitura, Sócrates desaponta-se, pois considera o discurso belo, porém, faltoso com a verdade (SIQUEIRA, 2011, p.102; LUZ, 2010, p.30).

Fedro insiste que Sócrates faça um discurso sobre o mesmo tema (amor). Em seu primeiro discurso sobre o amor, Sócrates condena-o como libidinoso e execrável, assim como Lísias, ambos concluem que o homem entregue ao amor causa ao amado os piores prejuízos, entre eles, a privação do aperfeiçoamento da

inteligência e da elevação do pensamento. Ou seja, o Eros adquire forma de um excesso, no qual o amante dominado pela paixão é escravo do prazer, relacionando-se com o amado como um brinquedo. Sendo tal excesso paralisado através do autodomínio do amante (CARVALHO, 2004, p.3; LUZ, 2010, p. 31).

Após zombar, assim como Lísias, do amor, Sócrates, sentindo-se blasfemo e com intuito de reparar-se, inicia um segundo discurso sobre o amor.

Em seu segundo discurso, Sócrates discorrerá sobre a alma humana e o amor como algo concedido pelos deuses aos homens na esfera inteligível.

As almas assemelham-se ao deus que lhe fez companhia em suas evoluções cósmicas (CARVALHO, 2004, p.4). O verdadeiro amante venera o amado como a um deus, vendo-o como a única cura para o seu sofrimento. O verdadeiro amante, então, é aquele que procura deixar o amado semelhante à divindade à qual é aparentado, agindo em vista de seu crescimento espiritual, e não tendo em mente a satisfação dos desejos do corpo (OLIVEIRA, 2012, p.187). Desse modo, Eros desagrega o Eu do Outro, permitindo que o Outro não seja um limite físico e/ou espiritual para o amante (LUZ, 2010, p.33). “O amor é justamente onde não há nem Outro nem Eu” (LUZ, 2010, p. 33).

Silva (2011, p.52 e 53), elegendo o amado à medida que este encarna a divindade à qual pertence essencialmente, o amante, desde que afetado por um amor verdadeiro e genuíno, empreenderá todos os esforços para que o amado também imite e se aproxime o quanto for possível de seu deus. Então, o amado, ao perceber que o amante, por sua inspiração divina, lhe tem, antes de todos os amigos e parentes, o melhor a oferecer, cede e deixa-se conquistar. Uma vez que, ao se deparar com o belo refletido através dos olhos do amante, o amado é tocado também pelo amor, que o engaja no movimento original de busca do belo em si e por si mesmo. Desse modo, o amado não sabe quem ama, nem consegue explicar o que acontece consigo, pois seu amor não é direcionado exatamente a alguém, mas a um objeto que não porta, em si, nenhuma concretude. Apesar disso, é apenas por intermédio do amante que o amado se depara com a beleza que ele mesmo reflete, mas da qual, sozinho, não se dá conta. Ou seja, o amado necessita do amante para ver a si mesmo como este que está voltado, essencialmente, para o belo original.

De acordo com Oliveira (2012, p.189), o amante e o amado, simultaneamente, desejam e são desejados ardentemente, pois, ao lado do amado

há Anteros (o contra-amor), a imagem refletida do amor, isto é, de Eros. Porém, o amado não acredita que seja amor; trata-se de simples amizade.

Sendo assim, apesar de amante e amado não ocuparem o mesmo lugar na relação amorosa, o amor é um movimento recíproco no qual amante e amado contemplam o belo transcendente, apropriando-se da possibilidade de ser quem realmente são (SILVA E.M., 2011, p. 53 e 54).

O movimento se refere: além de ao deslocamento, que compreende o sentido de ida de um lugar para o outro; à mudança que se faz no tempo, tal como o envelhecimento; ao dar início a alguma coisa ou atividade; à alteração, da cor das folhas no outono ou da cor de um camaleão frente a uma ameaça; à mudança de estado de algo, como por exemplo, do estado líquido para o gasoso; à modificação da forma de algo, como a transformação da madeira em mesa pelo artesão ou até mesmo a sua destruição; e, por fim, à junção ou composição do que, até então, se apresentava disperso, como os diversos materiais que, uma vez unidos, constroem uma casa, a alma recebe movimento de uma força que lhe vem de fora. O corpo que é movido por algo outro não possui alma, enquanto o corpo que porta em si mesmo o movimento, tem alma. A partir do exposto, pode-se afirmar que a alma, em sendo isso que move a si mesma, não poderá ser gerada, sendo, portanto, imortal (SILVA E.M., 2011, p. 43 e 44).

Sócrates recorre ao mito do Cocheiro para nos explicar sobre a natureza da alma e a qualidade do amor nela atribuída pelos deuses.

Neste mito, a alma seria um cocheiro que conduz uma parelha com um cavalo belo, bom, bonito, obediente, verdadeiro, boa raça, branco; e um de má raça, desobediente, não belo, negro. A alma alada habita o divino (Mundo das Idéias), o divino por sua vez, é bom, sábio e belo (Ser Absoluto), e é através da contemplação destas qualidades do divino que as asas da alma se alimentam, desenvolvendo-se, adquirindo conhecimento, e, retornando ao repouso. Enquanto as que contemplam o contrário das qualidades divinas extinguem-se e permanecem na opinião. Este seguir das almas é árduo, pois o cavalo de má raça repuxa o carro para a terra, contudo, em sua caminhada as almas recordam as verdades eternas que uma vez contemplaram, mas nem todas no mesmo grau (CARVALHO, 2004, p.3 e 4).

Por outro lado, o autor Menezes (2011, p.5 e 6), defende que, segundo Sócrates a imagem da alma é tripartite, no mito estas três partes da alma consistem em dois cavalos e um cocheiro. Sendo a alma dos deuses compostas por dois cavalos nobres, pois uma alma perfeitamente alada caminha sempre nas alturas, tornando-se imortal. Enquanto as dos homens, por estarem estruturadas em um

cavalo bom e outro mal, ao desviarem-se do caminho para o Bem Supremo (contemplação das essências divinas: belo, sábio e bom – contemplação da verdade) que alimenta suas asas, caem em algum corpo na terra, aprisionando-se no mundo sensível.

Oliveira (2012, p. 176 e 192) considera que existe uma relação entre os cavalos do Mito do Cocheiro e as divindades Apolo e Dionísio. Sendo Apolo um deus onírico, sereno, harmonioso, respeitoso às leis e ordens relacionado ao cavalo branco e bom. Enquanto Dionísio, o deus da loucura, desregramento e prazeres, relacionado ao cavalo negro e mal. O diálogo de Fedro é interpretado a partir das forças dessas duas divindades que coexistem num mesmo ser, lutando para governá-lo. Ressaltando que o terceiro elemento da estrutura da alma, o cocheiro, pode ser comparado com a consciência, o cavalo branco com o eu, e o cavalo negro com o outro.

O jogo de Eros e Anteros (Eros correspondido), no qual o amado é capaz de desencadear forças perigosas no amante que, se não forem domadas, podem destruí-lo. Contudo, a partir do momento que a alma contempla a beleza terrena e se recorda da ideia do Belo, pode libertar sua parte divina (cavalo branco, elemento apolíneo). Caso não recordar-se da ideia do belo, entrará em contato com a irracionalidade, o bestial (cavalo negro, elemento dionisíaco). (IBID, p.187)

Carvalho (2004, p.3 e 4), nos lembra que a natureza da alma é movimento, a alma é princípio de movimento, é aquilo que move a si mesmo pela lei da Adrastea (da necessidade e do inaceitável). Na qual, no primeiro grau, no nascimento, a alma não entra no corpo de um animal e, aquela que mais contempla o divino gerará um filósofo ou esteto⁵ ou amante favorito das musas⁶. No segundo grau, um rei legislador ou guerreiro ou dominador. No terceiro grau, um político ou economista ou financista. No quarto grau, um atleta incansável ou médico. No quinto grau, um profeta ou adepto de mistérios. No sexto grau, um poeta ou produtor de imitações. No sétimo, um operário ou camponês. No oitavo grau, um sofista ou demagogo. No nono grau, um tirano. Nestes graus, terão a melhor sorte aqueles que praticarem a justiça moral.

⁵ Pessoa que aprecia e pratica o belo como valor essencial.

⁶ As musas eram entidades mitológicas a quem era atribuída, na Grécia Antiga, a capacidade de inspirar a criação artística ou científica. Na mitologia grega, eram as nove filhas de Mnemosine e Zeus

Silva (D.S., 2005, p. 2), defende que Platão, através do segundo discurso de Sócrates, mostra que o amor verdadeiro é aquele que se origina pela manifestação do belo, o qual corresponde à essência divina do bem. Portanto, o amor verdadeiro consiste no desejo racional de conhecer o bem, denominando-se amor de Eros. No qual o homem tomado por esse sentimento ama e deseja alcançar a sabedoria, ou seja, as essências imutáveis. Para Sócrates, o delírio que Lísias considera algo nocivo, é, na verdade uma “dádiva dos deuses”, um dom apreendido por inspiração divina. Logo, não faz sentido a doutrina na qual o amante não-apaixonado é preferível em detrimento ao apaixonado. Os infortúnios que acometem os amantes não estão no Amor, mas na alma humana que o degenera (OLIVEIRA, 2012, p.180).

Afirma ainda que não existe só um tipo de dádiva dos deuses, mas há quatro espécies de loucuras divinas (também chamadas de Delírio ou Mania) que causam os bens, são elas: o delírio da arte divinatória (adivinhação e premonição, profético - divindade Apolo), da arte profética (poética - divindade Musas), iniciático (exaltação, mistérios - divindade Dionísio), e, paixão extracorpórea (erotismo, recordação da beleza da alma, delírio amoroso - divindade Eros e Afrodite) (LUZ, 2010, p.33; OLIVEIRA, 2012, p. 179).

A quarta dádiva dos deuses e discussão deste capítulo, Eros, é apresentada por Platão no segundo discurso de Sócrates como um apoderamento dos apaixonados, que impulsionados pelo desejo (o qual transborda no amado) e através da beleza, acreditam caminhar em direção da verdade eterna. Consistindo numa forma empírica de pensamento que leva o homem a filosofar, proferindo discursos e rompendo com o mundo físico. Ou seja, Eros, para Platão, através do discurso de Sócrates, é considerado um deus que se apodera dos homens, provocando neles a rememoração da beleza e de todos os objetos inteligíveis já vistos pela alma, provocando várias sensações físicas no amante: estremelecimento, emanção de um calor incomum, fortalecendo e fazendo crescer asas insensíveis na alma (LUZ, 2010, p.33 e 34). “A memória é para Platão a faculdade mais importante da alma humana. É mediante a recordação das Ideias Eternas que esta se lança em direção ao Bem em si, ao Belo e à Justiça” (CARVALHO, 2004, p.9).

Sócrates termina o seu segundo discurso sobre o amor afirmando que o valor do verdadeiro amor consiste no amor à sabedoria, convidando Fedro e Lísias a se

dedicarem a este exercício para a morte⁷ (SILVA D.S., 2005, p. 2; CARVALHO, 2004, p. 4).

Segundo Silva (D.S., 2005, p.2 e 3), Platão através do processo de morte, evidencia que a alma se isola das paixões, ambições e desejos irracionais do mundo sensível, direcionando-se para o que é justo, bom e belo. Uma vez que o corpo mortal pode ser considerado como uma prisão da alma, não possibilitando que ela apreenda realidades além das oferecidas pelo mundo sensível através de seus órgãos de sentido. Contudo, para apreender a essência da realidade divina, a alma deve se desligar do mundo sensível, sendo o amor a essência divina que impulsiona a alma na direção da verdade, do belo (bem e verdade absoluta). Portanto, a filosofia proporciona a libertação do pensamento, afastando o homem das tentações terrenas e preparando a alma para a busca da sabedoria.

Entre as essências divinas, o belo é o único que pode ser apreendido pelos sentidos do mundo sensível, através da visão. Segundo Sócrates, a imagem da beleza desperta no homem o amor e, este permite ao homem aproximar-se da beleza divina refletindo sobre as coisas belas (produção das essências: o bem, a justiça, a temperança, entre outros), reconhecendo que todas as coisas belas sensivelmente fazem parte de uma realidade inteligível. Desse modo, o belo é uma essência divina ou ideia inteligível mediadora entre o mundo sensível e inteligível, que é apreendido com a purificação da alma através da filosofia e pode ser apresentado através da relação entre amor e sabedoria. (IBID, p.3 e 4)

Para Oliveira (2012, p.182), a relação entre amante (erastas) e amado (eromenos) consiste na busca conjunta que prossegue, do amor aos belos corpos à contemplação do Belo em si, realidades inteligíveis, verdades eternas que prosseguem do amor aos belos corpos. Portanto, o que no começo era amor (Eros), no final deve transformar-se em amizade (Philia), por meio do impulso de uma educação voltada para nossa condição humana, através da visualização do Belo transcendente. (SILVA E.M.,2011, p.57)

⁷ No diálogo de Fedro, Platão apresenta a morte como a purificação do pensamento. (SILVA, D.S., 2005, p.1).

5 O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

“Sem amor estamos amputados de nossa melhor parte. A vida pode até ser mais tranquila e livre de dores quando não amamos. Mas trata-se de uma paz de cinzas” (COSTA, 1998, p.11).

Neste capítulo serão abordadas algumas reflexões sobre a questão do amor nos tempos modernos, o amor sensível e temporal (denominado pelos filósofos e teólogos de Cupiditas) e a questão do romantismo e suas manifestações atuais.

Considera-se que o termo mal-estar também está associado à civilização do homem e ao sujeito moderno e é empregado no sentido do indivíduo estar no mundo sem crescimento humanístico, ou seja, sem desenvolver o amor. E pode ser expresso através de sintomas físicos, psíquicos, sociais e espirituais. Ressaltando que o amor é um potencial da humanidade que tem por função o amadurecimento da personalidade no indivíduo, o qual se desenvolverá com a influência do meio ambiente no que diz respeito à tolerância nas frustrações, generosidade, renúncia em favor de um bem maior, gratidão, humildade, entre outros (AMARO, 2006, p. 337, 338, 340 e 341).

Não nascemos virtuosos, mas nos tornamos pela educação, pela polidez, pela moral, pelo amor (p. 243) Mas o amor, na maioria das vezes, só brilha por sua ausência, daí o fulgor das virtudes e a obscuridade de nossas vidas. Fulgor secundário, obscuridade essencial, mas não total. As virtudes, quase todas, só se justificam por esta falta em nós do amor [...] Elas não poderiam, porém, preencher esse vazio que as ilumina: aquilo mesmo que as torna necessárias impede que as creiamos suficientes. Pelo que o amor nos destina à moral e dela nos liberta. Pelo que a moral nos destina ao amor, ainda que ele esteja ausente, e a ele se submete (COMTE-SPONVILLE, 1998, p. 311)

O termo contemporaneidade se refere aos últimos vinte anos da história. Bauman (2004) alega que é um período marcado pelo fenômeno da globalização e tecnologia avançada de comunicação, o qual resulta em profundas transformações para a condição humana com a ampliação de seu imaginário, a extensão da vida cotidiana e novos tipos de relacionamentos com a Internet, que proporciona às pessoas uma sedução de liberdade por ser um espaço ilimitado de comunicação e expressão do indivíduo (FERREIRA; FIRIONI, s.d, p.1 e 2)

O amor denominado de romântico surge na história da humanidade como um produto cultural do retraimento do homem da vida pública através do individualismo e do conjunto de estratégias da sociedade capitalista (RIOS, 2008, p. 421).

O romantismo é um ideal de interação sociocultural originado na Europa, cujos elementos formam um ideal de amor bem-sucedido que não tem o suporte da realidade afetiva dos tempos modernos, sofrendo sucessivas transformações para atender a demanda do sujeito à felicidade e ao prazer (PHILLIPS, 1998).

De acordo com Guedes e Assunção (2006, p. 409), o amor romântico moderno, também denominado de amor confluyente, restitui a arte do erotismo, fazendo com que o prazer sexual mútuo se torne o elemento principal na continuidade ou desistência do relacionamento.

Segundo Montoto (2005, p. 10), o amor romântico pode ser entendido como aquele veiculado pela cultura através de livros, telenovelas, músicas entre outros. De modo a sustentar a idéia de o amor consistir em dois seres que se fusionam completamente até tornarem-se um só. Ele nos define, então, o conceito de completude:

Que tipo de completude? A do eu-outro-eu-vinculado com o Ego ideal- ou a do eu-outro-vinculado com o Ideal do Ego? A primeira completude estaria vinculada com a questão narcisista e a segunda com o tema da alteridade e do amor pelo outro como separado (MONTOTO, 2005, p.11).

O amor não é universal, natural ou espontâneo. É uma crença emocional que pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nos tempos modernos, a realização do sonhado amor tornou-se uma constante perseguição, sustentada por três principais enigmas: 1º) é um sentimento universal; 2º) é um sentimento irracional e incontrolável; e 3º) é a felicidade que podemos aspirar. (COSTA, 1998, p. 12, 13, 18). “[...] não amamos o que queremos, mas o que desejamos, mas o que amamos e não escolhemos (p. 241) Não é porque uma coisa é amável que a amamos; é porque a amamos que é amável” (COMTE-SPONVILLE, 1998, p. 303).

Ou seja, no mundo contemporâneo o amor se tornou onipotente, onipresente e onisciente, deixando de ser um acesso para ser um atributo essencial para a felicidade do sujeito. Com a perda de interesse dos sujeitos modernos pela vida

pública, que é reduzida nas questões de mercado, a ausência da força dos tradicionais meios de formação de identidade (família, pertencimento político, religião, segurança no emprego, restrições de pudor moral, entre outros), há o retraimento à vida privada com a exaltação das expectativas amorosas e do investimento afetivo no ideal do amor com a formação de uma identidade amorosa e o empobrecimento dos ideais do Eu. O amor, então, passou a ser mais um objeto de prazer na sociedade de consumo, o qual, quando não possuir mais atrativos, será descartado (COSTA, 1998, p. 19 e 20).

O consumismo do capitalismo contemporâneo traz como valores a instantaneidade, a competitividade, o ritmo frenético, o vigor produtivo e consumista. Não comportando adiamentos, apegos, estabilizações, recusas, renúncias, parcimônia, paciência e tolerância. Porém, necessitando de um sujeito ativo, questionador, impaciente, instável, pronto para renovar seus desejos, impulsivo, intolerante, inconformado, incapaz de renunciar e conviver com frustrações. (FERREIRA; FIRIONI, s.d., p. 2).

Nos relacionamentos amorosos, isso vai se manifestar no não-favorecimento da aproximação de pessoas, da criação de vínculos duradouros, e concretizando relacionamentos breves, de bolso (doces e de curta duração, instantâneas e disponíveis), voltados para a satisfação de necessidades e desejos imediatos, sem um compromisso que ultrapasse o momento da relação. Cria-se também uma cultura do descarte, em que as pessoas se relacionam com as outras até que dure seu interesse por isso, ou que haja uma nova opção em vista, alguém melhor, as pessoas viram mercadorias, objetos de consumo (JUSTO, 2005 *apud* FERREIRA; FIRIONI, s.d., p. 1).

Segundo Bauman (2004, p. 9 e 11), os relacionamentos atuais estão no “boom do aconselhamento”, os sujeitos pedem ajuda a especialistas (psicólogos, terapeutas, psicanalistas, entre outros) esperando soluções que atendam suas expectativas, como por exemplo, a satisfação sem opressão, a permissão sem desautorizar, a não existência de momentos amargos, laços leves e frouxos, porém duradouros, entre outros.

Um relacionamento, como lhe dirá o especialista, é um investimento como todos os outros: você entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderia empregar para outros fins, mas não empregou, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido – com lucro. Você compra ações e as mantém enquanto seu valor as promete crescer, e as vende prontamente quando os lucros começam a cair ou outras ações acenam com um rendimento maior (o truque é não deixar passar o momento em que isso ocorre). Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade. Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são “irrelevantes a longo prazo”. É claro. Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorrerá fazer juras de lealdade às ações que acabou de adquirir? Jurar ser fiel para sempre, nos bons e nos maus momentos, na riqueza e na pobreza, “até que a morte nos separe?” Nunca olhar para os lados, onde (quem sabe?) prêmios maiores podem estar acenando? (BAUMAN, 2004, p. 28 e 29)

“casais semiseparados”, “revolucionários do relacionamento”, que “romperam a sufocante bolha do casal” e “seguem seus próprios caminhos”. Sua dança a dois é um tempo parcial. Odeiam a ideia de compartilhar o lar e as atividades domésticas, preferindo manter domicílios, contas bancárias e círculos de amizades separados, e estarem juntos quando estão a fim. Tal como trabalho ao estilo antigo, hoje dividido numa sucessão de horários flexíveis, tarefas únicas ou projetos de curto prazo, e da mesma forma que a compra ou o aluguel de uma propriedade, que agora tende a ser substituída pela ocupação time-share e pelos pacotes de fim de semana, o casamento ao estilo antigo, “até que a morte nos separe”, já desestabilizado pela coabitação “vamos ver como funciona”, reconhecidamente temporária, é substituído pelo “ficar juntos”, de horário parcial ou flexível. (BAUMAN, 2004, p. 53 e 54)

E Bauman vai mais além, quando afirma: “Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor””. (BAUMAN, 2004, p.19).

Isto é, o sexo como mercadoria de consumo. De acordo com Rios (2008, p.424), é estimulado o exercício do sexo seguro, em grande quantidade, com diversificação de parceiros, técnicas, acessórios e cenários, subtrai-se o encontro amoroso multiplicando-se a ginástica sexual.

As parcerias sexuais renováveis são concebíveis, já as amorosas não. Somos ensinados que a atração sexual está relacionada com nossa natureza biológica, podendo ser sentida por qualquer pessoa conhecida ou não. Enquanto o amor é um valor em si, algo bom, belo, verdadeiro, raro e com pessoas especiais, estando relacionada com a realização emocional do indivíduo, tornando-os “sujeitos do amor” ou “sujeitos afetivos” (COSTA, 1998, p.34, 35 e 36).

Para Justo (2005, *apud* FERREIRA; FIRIONI, s.d., p. 2 e 4), a nova configuração das relações amorosas no mundo contemporâneo são caracterizadas por um relacionamento contingente e horizontal, um amor jurado à eternidade, estruturador de relacionamentos indissolúveis, com valores de segurança e igualdade, confiabilidade, fidelidade, co-satisfação e, durabilidade.

Ou seja, imaginar que só nos realizamos afetivamente quando estamos empatados na contabilidade dos ganhos e perdas amorosos é um hábito mental da modernidade; cujo psiquismo vive em constantes embates entre paixão e razão, sensível e inteligível, caos e ordem; excesso e moderação; natureza e cultura; atraso e progresso; fragmentação e unificação; Eros e Tanatos, entre outros, que resultam no sofrimento da miséria banal ou sofrimento da miséria neurótica (COSTA, 1998, p. 120, 126 e 129).

Segundo Rios (2008, p. 424), o encapsulamento é um recurso de proteção contra o incômodo, a decepção, e o custo da relação intersubjetiva, que requer o exercício da tolerância, da reflexão, do diálogo, da autocrítica e do esforço para mudar. Amar dá trabalho. E o ganho pode parecer pouco, especialmente quando se vive em um mundo como o nosso, que nos cobra a busca por um fictício estado prazeroso ininterrupto. O ganho, que não está previsto nessa conta que soma êxtases, é aquele que não se percebe de imediato: as transformações do eu na experiência da intersubjetividade. Afinal, se o amor de “boa qualidade”, o “amor de verdade”, não acontece rápido e fácil (como querem os tempos atuais), então, melhor ficar só. A solidão, que também é um estado psíquico necessário em muitos momentos da vida, neste caso torna-se um ideal de ser.

Na vida íntima das pessoas, o amor ou sua falta dirige escolhas, caminhos, traça destinos, faz saúde ou a consome. Segundo ele, Freud evidenciava que a saúde é assegurada pela capacidade para o amor e o trabalho. A psicanálise considera o amor como um sentimento e ação de investimento de libido (energia psíquica) sobre um objeto. Ressaltando que toda escolha apaixonada de objeto de amor revela uma captura narcísica inconscientemente sobre o espelho do que eu sou, do que eu fui, o que eu gostaria de ser ou o que eu gostaria de possuir (RIOS, 2008, p.421).

É muito provável que quando declaramos estar amando, estejamos atrelados a um ser que não é real, que está modificado por nosso mundo imaginário, que vemos o que desejamos ver ou, melhor dito, o que podemos ver no outro, de acordo com nossa mente, ou melhor ainda, que amamos unicamente o que há de nós no outro. Portanto, o amor seria um inevitável equívoco. (MONTOTO, 2005, p.25)

Bauman (2004, p. 32 e 33) identifica dois tipos de perversões nos sujeitos contemporâneos referentes ao amor: a possessividade amorosa (autocontrole, inseparabilidade do amante com o amado) e, a adoração que o amante tem pelo amado (que pode ser interpretada como autoadoração, um ego expansivo, espelhamento, inseguro, desesperado para confirmar seus méritos).

Porém, na visão idealista o amor é considerado como uma experiência emocional cuja virtude é proteger-nos contra a solidão, tendo sua fonte no respeito e ternura pelo outro, sua regra é a absoluta reciprocidade e igualdade entre parceiros. Costa (1998, p. 133) refere que vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos “uma totalidade” que não pode apresentar fraturas. O outro só “é desejado se enriquece nosso ser”. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado, de pronto. Sendo assim, a situação de insegurança é insustentável para muitos indivíduos, os quais podem apresentar duas estratégias de enfrentamento: a fixação (rotina, dívida ou obrigação) e a flutuação (a prevenção contra o sofrimento, a saída antes que as coisas se tornem insustentáveis) (COSTA, 1998, p.137 e 138).

Segundo Rios (2012, p. 424), o amor na contemporaneidade é um sentimento fraco e de ligação frouxa com o outro no mundo moderno, no qual as pessoas estão voltadas para si mesmas, obcecadas por seus corpos e mergulhadas na fantasia do prazer constante. Ressaltando que o eu, no decorrer da vida do indivíduo, cria e recria relações com o Outro (mundo, cultura). A falta dessas relações nos sujeitos modernos condena a felicidade dos mesmos, pois, eles podem evitar as dores de amores, mas por outro lado, se afundam nas dores do vazio deles mesmos.

Contudo, a punição para aqueles que se opuserem é o pavor da solidão, o estigma do fracasso emocional e a exclusão do mundo dos felizes. São essas fantasias ou realidades morais que tornam eficientes alguns dos credos românticos, em especial os mais exaltadamente idealizados. A “proteção” contra a solidão nunca produziu tantos solitários, a “competência para amar” forma legiões de

“incompetentes” e o mundo dos felizes nada mais é do que zombaria com ares de seriedade. (COSTA, 1998, p. 147).

Para Montoto (2005, p.65 e 66), a solidão é constitutiva do ser humano e, o romantismo nos garante insatisfação. De modo que faz-se necessário renunciar à procura da completude, olhar o amor de outro vértice em concordância com nossa natureza humana e complexidade psíquica, olhar para o amor sabendo que é uma procura impossível e estar preparado para aproveitar o melhor momento de nossa instantaneidade.

Ou seja, na contemporaneidade o amor não produz seu verdadeiro efeito no crescimento humanístico dos sujeitos, ele foi deturpado tornando-se mais um objeto de consumo a ser descartado a qualquer momento, as experiências⁸ amorosas foram substituídas por vivências amorosas através da brevidade, da busca constante pelo prazer imediato sem sofrimentos ou esforço. Contudo, para os sujeitos resgatarem o verdadeiro sentido do amor, é de suma importância reconhecerem o outro como um outro diferente de si e não mais um objeto a ser consumido e, que nunca completará a falta ocasionada em seu inconsciente pela castração. Aceitar que somos seres incompletos, destinados a desejos parcialmente satisfeitos e que nem sempre o romantismo é o melhor caminho para amarmos e a condição para nossa felicidade.

⁸ O sentido utilizado nos termos vivência e experiência são os desenvolvidos por Walter Benjamim. A vivência consiste no excesso de informação e sensações nas quais nada transforma, modifica o homem. A experiência consiste no conhecimento, o que modifica de algum modo o ser humano.

CONCLUSÃO

Desde o início dos tempos, o exercício do amor é o responsável pela humanização do homem (contemplação do belo, bem) e reflete em suas relações com o Outro.

Ou seja, de modo geral, o amor nas diversas sociedades apresenta-se como um meio de aquisição de virtudes para os homens, proporcionando um melhor convívio social. Contudo, também é apresentado como um sentimento egoísta, que deseja do outro apenas aquilo que não se tem.

O desejo pelo o que não se tem tornou-se um grave sintoma da sociedade consumista, a qual prioriza quantidades ao invés de qualidades, prazeres imediatos ao invés da arte de conviver e superar as frustrações de nossa incompletude.

Com o constante enfraquecimento da constituição do ser (humanização) nos sujeitos modernos, é de suma importância repensarmos nossa condição humana enquanto sujeitos de nossa própria história, extinguindo os hábitos de meros reprodutores do sistema capitalista. Recriando assim, novos caminhos para o amor, reconhecendo nossa falta e aceitando que o outro não pode preenchê-la, assim como nós também não podemos preenchê-la no outro e, dessa forma, enfrentarmos juntos a dor de existirmos castrados, desmistificando nossa ilusão de completude.

REFERÊNCIAS

- AMARO, J.W.F., Mal-estar e amor. **Rev. Psiquiatria Clínica**. São Paulo, n. 33, v. 6, 2006, p. 337-341.
- ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco** – Aristóteles. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Os pensadores. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, v. 2, p. 377.
- ASSUMPÇÃO, E.M.S., A amizade e a ética: um contraponto à cordialidade. **Rev. Letras**, Rio Grande do Sul, n.32, junho-2006, p.13-22.
- BAUMAN, Z., **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190p.
- CARVALHO, A.A., O fedro. **Rev. de Magistro de Filosofia**. Faculdade Católica de Anápolis. Goiânia:Anápolis, n.1, 2004/1, 1-10p. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/?page_id=52>. Acesso em:15/05/2013.
- COMTE-SPONVILLE, A., **“O Amor”**: Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. Cap. 18, São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 241 – 311.
- COSTA, J. F., **Sem fraude nem favor**: Estudos sobre o amor romântico. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 221p.
- FÉLIX, L., **A Amizade: em Aristóteles e em tempos de Internet**, 02/03/2011. Disponível em: <<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/a-amizade-em-aristoteles-e-em-tempos-de-internet/6709>> Acesso em: 15/03/2013.
- FERREIRA, L.H.M.; FIORONI, L.N., **Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários**. Universidade Federal de São Carlos (Monografia). São Paulo: São Carlos. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/580.%20concep%C7%D5es%20sobre%20relacionamentos%20amorosos%20na%20contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2013.
- GOMES, L.G.N.; JUNIOR, N.S., Sobre a amizade em tempos de solidão. **Rev. Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais: Belo Horizonte, v. 19, n.2, 2007, p. 57-64.
- GOMES, R., **O amor em Santo Agostinho, antes de sua conversão**. Disponível em: <<http://www.3pinformatica.com.br/redemptor/fotos/fotos/admin/imagens/revistas/pdf/amorhumanoemsantoagostinho.pdf>>. Acesso em: 13 de abril de 2013.
- GRACIOSO, J., A dimensão teleológica e ordenada do agir humano em Santo Agostinho. **Rev. Trans/Form/Ação(Ed. Especial)**, São Paulo: Marília, v. 35, p. 11-30, 2012.

GREGÓRIO, S.B., **As virtudes cardeais**. 2010. Disponível em: <<http://www.sergiobiagigregorio.com.br/filosofia/virtudes-cardeais.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2013.

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L., Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). Universidade de Fortaleza. **Rev. Mal-estar e Subjetividade**, Ceará: Fortaleza, n.2, v.6, set-2006, p. 396-425.

JUSTO, J.S., O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Rev. do Dep. de Psicologia da Universidade Federal Fluminense**. Rio de Janeiro: Niterói, n. 1, v.17, Jan./Jun. 2005, p. 61-77.

LACAN, J. (1960-1961). **O Seminário, livro 8: A Transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, 388p.

LUZ, A.R.L., O amor, a erótica e as manias. **Rev. Cadernos da Graduação**. São Paulo: Campinas, n. 8, 2010,p.29-36.

MALINOSKI, J., SILVA, S., **Felicidade: O bem supremo, no livro I da obra: Ética a Nicômaco de Aristóteles**. Disponível em:<<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/069e4.pdf>> Acesso em: 20/03/2013

MENEZES, M.B., **A Natureza da Alma no Fedro de Platão**.Disponível em: <<http://seminarioppglm.files.wordpress.com/2011/02/luiz-menezes.pdf>>. Acesso em: 23/05/2013.

MIRANDA, C.E.S., **Abordagem do discurso amoroso na perspectiva da Análise do Discurso e da Psicanálise** (tese). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2008, 336p.

MONTOTO, C.C.; **Ou o amor não existe ou é um inevitável equívoco**. São Paulo: Ed.Preludio 2005, 70p.

MONTOTO, C.C., **Amor. Metáfora Eterna**. São Paulo: São José do Rio Preto: Bluecom, 2012, 252p.

OLIVEIRA, A. M., A psicologia de Platão: sobre a teoria da psyché (alma) humana no diálogo Fedro, a partir das categorias do apolíneo e do dionisíaco. **Rev. Plêthos**. Rio de Janeiro, n. 2, v. 1, 2012, p. 176-196.

PLATÃO. **Fedro ou da Beleza**. Coleção de Filosofia & Ensaios. 6ª Edição. São Paulo: Lisboa Guimarães Editores LDA. 2000, p.9-80. Tradução Pinharanda Gomes.

PICHLER, N. A., Sobre a beatitude em Tomás de Aquino. **Rev. Cultura e Fé**, Rio Grande do Sul, n. 130,julho-setembro, 2010, p. 311-318.

PICHLER, N.A., A philia de aristóteles como uma das formas de felicidade. **Rev. Ágora Filosófica**, Rio Grande do Sul, ano 4, v.2, julho-dezembro 2004, p.193-207.

PHILLIPS, A. **O Flerte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 312p.

PLATÃO. *Diálogos. O Banquete. Apologia de Sócrates*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Ed. Universitária UFPA. 2ª edição. Belém, 2001, 35p.

QUADROS, E. M., Eros, Filia e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã. **Ver. Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Paraná: Maringá, v. 33, n. 2, p. 165-171, 2011.

RIOS, I.C., O amor nos tempos de Narciso. **Rev. Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo: Botucatu, n. 25, v. 12, abr/jun. 2008, p. 421-426. Disponível em: <http://producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/4226/art_RIOS_O_amor_nos_tempos_de_Narciso_2008.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 de maio de 2013.

ROCHA, Z.; O amigo, um outro si mesmo: a philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Rev. Psyché**, São Paulo, v. X, n.17, jan-jun 2006, p. 65-86.

SCHOEPFLIN, M., **O amor segundo os filósofos**. São Paulo: Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2004, p.186.

SILVA, D.S., A relação entre o amor e o belo segundo Platão. **Rev. Eletrônica Grupo Pet – “Existência e Arte”**. Minas Gerais: São João Del Rei, ano I, n. 1, jan-dez de 2005, p. 1-4.

SILVA, E. M. O., **Amor, belo e escrita a partir do diálogo de Fedro**. Universidade Federal do Espírito Santo (Dissertação de Mestrado). Espírito Santo: Vitória, 2011, 95p.

SIQUEIRA, J.R., Retórica e filosofia no Fedro de Platão: uma crítica à leitura de Trabattoni. **Rev. de Filosofia**. Bahia: Amargosa, n. 2, v.4, n.2, dezembro de 2011, p. 96-104.

VELOSO, D.E.S., **As virtudes teologais**. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/eurico/211.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2013.